

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

TATIANA ESTEVES CASTRO GUERRA

A UTILIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL COMO METODOLOGIA PARA
INVESTIGAR O ENSINO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS REGIÃO E
LUGAR NA REDE MUNICIPAL DE SANTOS, SP

SANTOS
2019

TATIANA ESTEVES CASTRO GUERRA

**A UTILIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL COMO METODOLOGIA PARA
INVESTIGAR O ENSINO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS REGIÃO E
LUGAR NA REDE MUNICIPAL DE SANTOS, SP**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Metropolitana de Santos, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Barrocas

SANTOS

2019

Dissertação de Mestrado intitulada “A utilização do grupo focal como metodologia para investigar o ensino das categorias geográficas região e lugar na rede municipal de Santos, SP”, elaborada por Tatiana Esteves Castro Guerra apresentada e aprovada em 11/12/2019, perante a banca examinadora composta por: Profa. Dra. Renata Barrocas, Profa. Dra. Irene da Silva Coelho e Profa. Dra. Elizabeth de Souza Machado Hess.

Profa. Dra. Elizabeth de Souza Machado Hess

Profa. Dra. Irene da Silva Coelho

Profa. Dra. Renata Barrocas
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Programa: Mestrado em Práticas docentes no Ensino Fundamental
Área de Concentração: Ensino Aprendizagem nas aulas de Geografia (Ensino Fundamental II)
Linha de Pesquisa: o ensino das categorias geográficas região e lugar no Ensino Fundamental II

Santos
2019

AGRADECIMENTOS

Devo agradecer primeiro a Deus pela vida e por ter conseguido chegar até aqui.

À minha orientadora, Professora Doutora Renata Barrocas, que não desistiu de me orientar, de me apoiar e também acreditar em mim. Sem ela, com certeza, não teria motivação para conclusão desta dissertação.

À minha mãe pela paciência e compreensão que teve durante a escrita desta dissertação, por me incentivar e sempre querer o melhor de mim.

Ao meu irmão, que tanto me apoia e ajuda, a fim de conquistar meus ideais.

Ao meu pai, que me deixou há dois meses, mas sempre acreditou em mim e nunca entendeu o porquê de tanto estudo.

Às minhas amigas, Ione e Simone, que me ajudaram, incentivaram e me encorajaram nessa jornada de estudos.

Às minhas colegas de trabalho, Inês, Karla e Marily, que me apoiaram muito nestes últimos meses.

Às professoras Profa. Dra. Elizabeth e Profa. Dra. Irene, que com disponibilidade e atenção aceitaram participar da banca de defesa.

Aos Professores do Mestrado, por colaborarem na construção do meu conhecimento, aprimorando o meu saber profissional.

A todos que me ajudaram a superar momentos difíceis por quais passei durante esse período de estudo.

A todos os professores que se dispuseram a participar do grupo focal e me ajudaram na conclusão desta pesquisa.

GUERRA, Tatiana Esteves Castro. **“A UTILIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL COMO METODOLOGIA PARA INVESTIGAR O ENSINO DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS REGIÃO E LUGAR NA REDE MUNICIPAL DE SANTOS/SP.”** Relatório de pesquisa e questões para o Exame de qualificação do Mestrado em Práticas Docentes no Ensino Fundamental, da Universidade Metropolitana de Santos. Santos, 2019.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar uma pesquisa bibliográfica e qualitativa sobre as metodologias utilizadas pelos professores de Geografia da rede municipal de ensino santista para ensinar as categorias geográficas de região e lugar. A pesquisa bibliográfica foi organizada conforme seleção de autores que discutem as categorias geográficas de região e lugar com enfoque para a Geografia Escolar. Quanto a discussão qualitativa, esta diz respeito a metodologia do grupo focal adotada para obtenção dos resultados. Os docentes participantes atuam do sexto ao nono anos. A metodologia de grupo focal foi aplicada com sete professores. A partir das transcrições das entrevistas os resultados mostraram, por parte dos professores, fragilidades conceituais em ensinar a categoria geográfica região e o quanto esta lacuna interfere, também, na compreensão da categoria lugar por parte dos alunos. Como forma de contribuir para minimizar a descontextualização detectada via grupo focal foi elaborado um produto em formato de uma sequência didática, de acordo com os eixos indicados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobre o turismo no porto de Santos destacando sua importância para as escalas local, regional e global.

Palavras Chave: Região. Lugar. Porto de Santos. Grupo Focal. Geografia Escolar.

ABSTRACT

The present work has the objective of presenting a bibliographic and qualitative research on the methodologies used by the teachers of Geography of the municipal school system of Santos to teach the geographic categories of region and place. The bibliographic research was organized according to the selection of authors who discuss the geographical categories of region and place with a focus on School Geography. As for the qualitative discussion, this concerns the methodology of the focus group adopted to obtain the results. Participating teachers work from the sixth to the ninth years. The focus group methodology was applied with seven teachers. From the transcripts of the interviews, the results showed, on the part of the teachers, conceptual weaknesses in teaching the geographic category region and the extent to which this gap also interferes in the students' understanding of the place category. As a way of contributing to minimize the decontextualization detected via the focus group, a product was created in the form of a didactic sequence, according to the axes indicated by the National Common Curricular Base (BNCC), on tourism in the port of Santos, highlighting its importance for the local, regional and global scales.

Keywords: Region. Place. Port of Santos. Focus group. School geography.

SIGLAS

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

FUVEST – Fundação Universitária para Vestibular

EDUCAFRO - Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes

PETROBRAS – Petróleo Brasileiro S. A.

UNISANTOS – Universidade Católica de Santos

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

CODESP - Companhia Docas do Estado de São Paulo

UNIMES – Universidade Metropolitana de Santos

UNESP – Universidade Estadual Paulista

EJA – Educação de Jovens e Adultos

NUED - Núcleo de Educação a Distância

USP – Universidade de São Paulo

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

Moodle - Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment

SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

EPI – Equipamento de Proteção Individual

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

Apresentação.....	09
1. Introdução.....	11
2. Capítulo 1 – Conceituando a pesquisa	
2.1 A Esfera Municipal e o Governo Federal da Educação Básica.....	13
2.2 A Ciência Geográfica como objeto de estudo e o papel do professor de Geografia.....	19
2.3 A importância das categorias geográficas.....	21
2.4 A Categoria Geográfica Região.....	23
2.5 O Conceito de Lugar.....	24
3. Capítulo 2 – As Metodologias	
3.1 Metodologia para investigar como os professores ensinam a categoria geográfica de região e lugar.....	26
3.2 A metodologia do grupo focal.....	27
3.3 A pesquisa.....	29
4. Capítulo 3 – O grupo focal	
4.1 O grupo focal com os professores de geografia.....	31
4.2 A análise e os resultados da pesquisa.....	32
5. Considerações finais.....	47
6. Produto.....	49
6.1 Introdução.....	50
6.2 Sondagem.....	51
6.3 Sobre a percepção dos alunos a respeito do ensino de geografia.....	51
6.4 Sequência didática.....	52
6.5 Anexos.....	66
6.6 Referências.....	71
7. Referências.....	72
8. Apêndice.....	75
9. Anexos	
Anexo 1.....	92
Anexo 2.....	93
Anexo 3.....	94

Apresentação

Este texto tem por objetivo descrever a minha trajetória profissional e educacional, destacando as principais atividades que eu já desenvolvi, quanto às atividades que realizo atualmente.

Formação Acadêmica

A minha formação acadêmica começou em 1997 com o Curso de Licenciatura em Geografia com Ênfase em Análise Ambiental, na UNISANTOS, que concluí em 1999. O curso de Bacharel em Geografia terminei em 2001.

Em julho de 2000 iniciei o curso de complementação pedagógica para Licenciatura Plena em Pedagogia com finalidade de trabalhar gestão escolar. Concluído em dezembro de 2001.

Despertar para Educação

O ingresso na faculdade de Geografia se deu pela vontade de trabalhar com Geoprocessamento. Juntar a programação que tinha aprendido no ensino técnico com a ciência geográfica.

Porém as disciplinas pedagógicas me chamavam mais atenção e me davam mais sede de aprender.

O despertar para educação aconteceu com as aulas voltadas para educação como didática e história da educação ministradas pelas professoras Júlia e Arlete. Elas tratavam educação com paixão e muita verdade.

Orientada a fazer estágio me apaixonei pelo olhar do aluno para o professor com vontade de saber... Curioso para o novo.... Então percebi que eu queria provocar em toda aula aquele olhar...

Os estágios foram feitos todos em escola da rede pública Estadual.

Profissional

Em 2000 fiz concurso para prefeitura de Santos e comecei a lecionar. Desde então não parei mais.

Em 2001 trabalhei na rede de Santos e de Praia Grande.

Em 2004 assumi o cargo de professora no concurso do estado de São Paulo e desde 2005 leciono na EE Visconde de São Leopoldo, em Santos.

Trabalhei em diversas escolas com diferentes realidades. E em todas sempre vi esse olhar do aluno para o professor com vontade de saber, curioso para o novo...

Tive experiência por mais de 3 anos como Assistente de Direção e também por mais de 3 anos como Coordenadora Pedagógica na rede pública de Santos. Ambas experiências foram gratificantes porém trabalhar como Coordenadora Pedagógica foi uma realização.

Participar do processo pedagógico do aluno, estudar as dificuldades de aprendizagem e a metodologia do professor para recuperar esse aluno abriu meus olhos para as minhas práticas pedagógicas em sala de aula.

Cada capacitação que eu preparava, cada problema pedagógico que o professor trazia para equipe, era uma busca de novos conhecimentos para tentar mudar e acrescentar na minha prática em sala de aula.

Dificuldades

Como professora:

- Falta de material didático e equipamentos;
- Convencer equipe técnica a trabalhar com projetos.

Como gestora:

- Lidar com funcionários;
- Conflitos de ideias.

Cursos

Particpei de vários cursos de curta duração (até no máximo 40 horas aula) de diferentes assuntos acerca de educação.

Fiz alguns cursos de extensão universitária.

Tenho pós-graduação em Direito Educacional.

Práticas pedagógicas

Metodologia – aulas expositivas e com participação contínua do educando

Material – diversificado, vídeos e uso de tecnologias

1. Introdução

A importância do ensino de Geografia é descrita na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) por um tratamento específico como área de conhecimento, uma vez que, oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Com isso, segundo o descrito na BNCC, estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que vivemos.

Nesta pesquisa foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: realização de pesquisa bibliográfica que consistiu em levantar as abordagens sobre o conceito de região e lugar e sua inserção no ensino de Geografia; investigação através da metodologia do grupo focal com os professores de geografia da rede municipal do ensino fundamental (ciclo II) de Santos contextualizam as categorias geográficas de região e lugar; análise dos dados coletados de forma qualitativa; e elaboração de um produto em formato de sequência didática sobre o porto de Santos e sua relação com as categorias geográficas região e lugar.

Com a metodologia desenvolvida no grupo, conseguimos realizar o levantamento sobre as categorias geográficas região e lugar no planejamento escolar da rede de ensino santista. Dentre as questões formuladas no roteiro está a que envolve a formação sobre os temas da Geografia oferecidas pela rede ao grupo de docentes, que são sujeitos desta pesquisa.

Vale salientar, a descrição de Santos como cidade educadora e a importância que a Secretaria de Educação (SEDUC) prioriza quanto a qualidade de ensino aos educandos da sua rede.

No Capítulo 1, apresentamos o contexto teórico da geografia escolar através das categorias geográficas que identificam este trabalho: a região e lugar. Além disso, apontamos a importância do papel do professor nesta mediação e algumas políticas educacionais que promoveram mudanças nas propostas de ensino como a Base Nacional Comum Curricular.

No Capítulo 2, descrevemos a justificativa pela escolha da metodologia do grupo focal e o quanto a investigação sobre os recursos e procedimentos didáticos são significativos para o ensino das categorias geográficas, sobretudo, de região e lugar.

Os resultados das transcrições foram organizados e apresentados no Capítulo 3. Estes dados serviram com recurso para a elaboração do produto. Houve uma preocupação de pensarmos um produto a partir destes resultados como forma de colaborar para o ensino destes professores na discussão do porto de Santos. O porto de Santos, neste produto, tem o enfoque na importância turística através do terminal de passageiros. Entendemos que, em virtude das transcrições, seria uma contribuição diferenciada para o ensino, uma vez que, o turismo é pouco discutido por este enfoque em aulas do ensino fundamental II.

Cumpramos destacar, o quanto é satisfatório ouvir os professores e a realidade que os cerca. Esperamos que esta pesquisa colabore para que novas metodologias e discussões que envolvem a importância do ensino das categorias geográficas sejam investigadas tanto na rede municipal de ensino de Santos quanto em outras localidades.

2. Capítulo 1 - CONCEITUANDO A PESQUISA

2.1 A esfera municipal e o governo Federal da educação básica

A rede municipal de Santos tem oitenta e duas Unidades Municipais de Educação (UMEs) com dezessete oferecendo o Ensino Fundamental II. A Secretaria Municipal de Educação (SEDUC) tem como objetivo assegurar a qualidade do ensino e consolidar Santos como uma Cidade Educadora¹, assim como exercer o cumprimento da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96. O empenho da SEDUC visa formar cidadãos participativos, conscientes de seus direitos e deveres, com olhar crítico em relação à realidade social. A Secretaria de Educação de Santos utiliza sete indicadores de qualidade: a gestão democrática de ensino; participação familiar na escola; cultura da paz; diversidade e inclusão; sustentabilidade e preservação; inovação e investigação; protagonismo e autonomia; avaliação e acompanhamento.

De acordo com Gatti (2011) o governo federal, detectando a grande dispersão e a fragmentação das políticas docentes no país, bem como os descompassos entre os programas de formação para o magistério a cargo das instituições de ensino superior (IES) e as demandas da educação básica, tomou uma série de iniciativas, tendo em vista promover a sua articulação, particularmente no âmbito das instituições públicas, em busca de assegurar uma educação de qualidade como direito de todos.

A educação de qualidade atende uma demanda significativa para a formação inicial em nível superior exigida pela LDB, além da formação continuada, demanda essa que implica no atendimento de milhares de docentes e a diversificação da oferta segundo as etapas e as modalidades da educação básica, as características dos alunos e as necessidades regionais e locais.

¹Santos recebeu, em 30 de outubro de 2008, o selo de “Cidade Educadora”. Foi o primeiro município da Baixada Santista a conquistar esse título. O reconhecimento é concedido pela Associação Internacional das Cidades Educadoras – AICE), sediada na Espanha. Criada em 1990, a AICE conta com cerca de 487 municípios de 34 países, nos cinco continentes. No Brasil, além de Santos, integram-se a entidade mais dezoito cidades. (Disponível em: <<http://www.edcities.org/pt/>>. Acesso em 15 de ago. de 2019)

O professor é o grande agente de transformação na escola e segundo Alarcão (2011) o professor não pode agir isoladamente pois a escola tem de ser organizada de modo a criar condições de reflexividade individuais e coletivas.

Para Cavalcanti (2016) o aluno é a fonte de inspiração para esta reflexão:

O formalismo está presente na rotina da escola como um todo e não apenas no ensino de determinadas matérias. Entretanto, no caso específico do ensino de Geografia, ele parece tomar grandes proporções, seja porque o tipo de conteúdo trabalhado favorece esse formalismo, seja porque há efetivamente dificuldades – por parte dos professores e de outros agentes envolvidos na escola – em provocar o envolvimento real dos alunos com o conteúdo trabalhado (ou as duas coisas). (CAVALCANTI, 2016, p. 131-132)

Cavalcanti (2016) destaca que é preciso encontrar maneiras de superar esse formalismo e de envolver ativamente o aluno no processo de seu ensino.

Castellar (2015) afirma que a valorização do professor passa por sua formação, pela consciência de seu papel na escola e pela liderança que exerce, necessárias para organizar estratégias de aulas. É desejável que ele tenha uma postura mais aberta, disposta a incorporar as novas mudanças da sociedade que influenciam a escola. Essa valorização está vinculada aos trabalhos realizados pelos professores, mas os cursos de formação continuada precisam ser significativos e, ao mesmo tempo, diminuir a distância entre teoria e prática. Esse distanciamento diminui quando o professor elabora suas estratégias de aulas com objetivos claros, estruturando atividades coerentes com o conteúdo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a concepção de que a geografia escolar cumpre uma função social importante com propostas que possibilitam a compreensão da realidade, dos lugares onde se vive e das relações entre a sociedade e a natureza. Apresenta-se, então, como um componente curricular fundamental para a leitura do território e das disputas globais, para entender os usos dos recursos naturais e suas implicações no ambiente e na produção industrial.

Quanto à aprendizagem do ensino de Geografia, a BNCC considera fundamental a aquisição o desenvolvimento de sete princípios do raciocínio

geográfico², a partir dos processos espaciais. Isso significa ter os conteúdos organizados a partir dos eixos temáticos e habilidades.

Ao desenvolver o raciocínio geográfico, o professor trabalhará os sete princípios:

1. Analogia: a comparação de um ou mais fenômenos ou acontecimentos;
2. Diferenciação: entender as diferenças entre um e outro fenômeno ou acontecimento;
3. Conexão: um acontecimento ou fenômeno global pode afetar um acontecimento ou fenômeno local;
4. Distribuição: a caracterização natural e de ocupação de um espaço;
5. Extensão: abrangência do fenômeno ou acontecimento;
6. Localização: identificação do espaço;
7. Ordem: ordenamento dos fenômenos ou acontecimentos, na escala de começo, meio e fim.

A orientação pedagógica presente na BNCC estimula o professor a organizar suas ações de sala de aula, em um espaço privilegiado para o exercício cotidiano do pensamento espacial. O pensamento espacial está relacionado aos processos cognitivos e está associado ao desenvolvimento da inteligência espacial, por isso a relevância dos enfoques construtivistas no contexto da didática da Geografia.

De acordo com a BNCC os eixos que devem ser estudados em todos os anos do Ensino Fundamental com conteúdos diferenciados e adaptados aos anos/séries do ensino fundamental são: o sujeito e seu lugar no mundo; conexões e escalas; o mundo do trabalho; as formas de representação e pensamento espacial e a natureza, ambientes e qualidade de vida.

Nos Parâmetros Curriculares Nacional (PCN), a Geografia não foi dividida por ano e sim por ciclos do ensino fundamental e a Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos quanto às transformações.

Cumprido destacar que, embora a BNCC não invalide o PCN, este continua sendo um documento orientador, sem caráter de obrigatoriedade, que pode ser utilizado e consultado. É possível encontrar uma farta bibliografia sobre

² O raciocínio geográfico leva à compreensão de aspectos fundamentais da realidade: “a localização e a distribuição de fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas” (BNCC, 2017, p. 311).

várias questões que entrelaçam os temas de estudo da Geografia com as questões sociais apontadas como prioritárias nos Parâmetros Curriculares Nacionais. É importante destacar que a Geografia abrange as preocupações fundamentais apresentadas nos temas transversais, identificando-se, portanto, com aquele corpo de conhecimentos considerados como questões emergenciais para a conquista da cidadania. Nos PCN os eixos da Geografia são: eixo 1: a evolução das tecnologias e as novas territorialidades em redes; eixo 2: um só mundo e muitos cenários geográficos e o eixo 3: modernização, modo de vida e a problemática ambiental.

Antunes (2018, p. 8) questiona: “A geografia que buscamos ensinar não é a mesma que se ensinava há dez ou vinte anos?”. O mesmo autor responde que:

A mudança de paradigma nas informações existentes no mundo de hoje, trazidas por uma visão do planeta baseada em novas tecnologias aeroespaciais, a difusão da TV a cabo, à pesquisa e a informação científica possibilitadas pela internet, a globalização da economia e do consumo mundial, as novas revelações científicas que alteram os saberes de diversos ramos do conhecimento, associadas ao avanço da tecnologia, além da conquista de novos elementos sobre memória, inteligência, aprendizagem e criatividade, acabaram por tornar inadiável o acréscimo de substanciais mudanças no atual conceito de geografia e nos procedimentos para fazê-la plenamente compreendida e significativa pelos alunos do ensino fundamental (ANTUNES, 2018, p. 8).

Continua discutindo que “essas mudanças” têm várias perguntas e consequentes respostas e todas se baseiam em como preparar uma aula?; qual metodologia utilizar, usar ou não o livro didático?; quais recursos são necessários para que não seja construído um conceito apenas com ideias?.

Agora cabe aos professores promoverem a compreensão do espaço e a relação que ele possui com a sociedade. Junto a isso é necessário que se constitua o pensamento geográfico com destaque para as categorias geográficas: território, lugar, paisagem e região.

Com isso, a formação contínua do professor é cada vez mais urgente na sociedade contemporânea visto que as mudanças no cenário educacional são constantes, exigindo que o professor acompanhe-as, que seja capaz de articular a teoria e a prática, que domine os conhecimentos da sua área de

atuação e também busque ampliar saberes comuns através da interdisciplinaridade.

Para Alarcão (2011), os limites do ato de ensinar em relação às potencialidades do ato de aprender emergem do poder da criatividade. Se a capacidade reflexiva é inata ao ser humano, ela necessita de contextos que favoreçam o seu desenvolvimento. Assim é necessário que a práxis seja construída com pesquisas, aprendizagens, paradigmas e reflexão.

De acordo com Freire (s/d) sobre o saber:

O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância. Por isso, não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. (É preciso saber reconhecer quando os educandos sabem mais e fazer com que eles também saibam com humildade) (FREIRE, (s/d), p. 15)

Dentro dessa ótica, o Ensino de Geografia se torna importante para formar o cidadão crítico e pensante. De acordo com Callai (2005, p. 228) “uma forma de fazer a leitura do mundo é, por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas.”

Em síntese, o ensino de Geografia é capaz de tornar o aluno protagonista no espaço em que vive. Giroux (1997), destaca:

Os intelectuais transformadores precisam desenvolver um discurso que una a linguagem crítica e a linguagem da possibilidade, de forma que os educadores sociais reconheçam que podem promover mudanças. Desta maneira, eles devem se manifestar contra as injustiças econômicas, políticas e sociais dentro e fora das escolas. Ao mesmo tempo, eles devem trabalhar para criar as condições que dêem aos estudantes a oportunidade de tornarem-se cidadãos que tenham o conhecimento e coragem para lutar a fim de que o desespero não seja convincente e a esperança seja viável. Apesar de parecer uma tarefa difícil para os educadores, esta é uma luta que vale a pena travar. Proceder de outra maneira é negar aos educadores a chance de assumirem o papel de intelectuais transformadores (GIROUX, 1997, p. 163).

A Geografia, enquanto ciência dinâmica, em constante movimento, tem um papel social muito grande, como o de suas relações mediadas pela tecnologia com apelo a técnicas de observação, análise e compreensão da sociedade e do espaço. A utilização de situações reais, dando destaque às experiências e aos conhecimentos prévios do aluno, pode auxiliar na trajetória para a promoção da aprendizagem significativa.

De acordo com Sacramento (2015) as interações entre os professores e alunos são a parte mais importante do processo de ensino e de aprendizagem, pois é no tipo de comunicação que os conhecimentos são construídos. É por meio de diálogo que o professor mobiliza os alunos a participarem da aula, a expressarem seus conhecimentos prévios e a compartilharem suas dúvidas sobre o tema trabalhado.

Para Couto (2015, p.126) “o desenvolvimento dos conteúdos escolares, buscando considerar os vários saberes geográficos de vivência do aluno – sua consciência espacial -, articulada aos diferentes processos e sujeitos da produção capitalista do espaço, pode proporcionar aos educandos: 1. A construção de uma consciência crítica de sua condição no mundo, como objeto e sujeito histórico-geográfico da sua transformação; 2. O conhecimento do mundo atual em sua diversidade, suas diferentes escalas de análise; 3. A identificação das ações sociais multiescalares e suas consequências em diferentes espaços, através das práticas espaciais de seus sujeitos; 4. O desenvolvimento da capacidade de analisar geograficamente a realidade, a partir de problemas espaciais e dos conceitos; 5. A compreensão e o relacionamento das múltiplas linguagens da leitura da paisagem e, assim, perceber a Geografia nas imagens, na literatura, nas notícias em documentos de diferentes fontes; 6. Saber fazer uso da linguagem cartográfica na interpretação dos fenômenos geográficos.”

O professor deve ser o mediador entre a aprendizagem e as relações dos conceitos e teorias do espaço vivido. Apresentando novas metodologias e estimulando o interesse pelo ensino de Geografia. Ao aluno cabe pensar e compreender o mundo que está a sua volta, nas diferentes escalas geográficas.

Antunes (2018, p. 29) afirma que “é essencial a todo professor dominar e fazer uso de novas tecnologias”. Essas tecnologias não podem ser

vistas apenas como mais um recurso pedagógico, como um gravador de som, computador, celular, lousa digital, entre outros. Estes instrumentos tornam a aula muito mais atrativa e servem para ajudar a desenvolver o senso crítico do aluno.

2.2 A ciência geográfica como objeto de estudo e o papel do professor de Geografia

Na primeira metade do século XIX, conhecer os territórios era essencial para busca de matérias-primas e novos recursos naturais. Este era de interesse não apenas dos viajantes, exploradores e cientistas, mas principalmente do Estado-nação, cuja interesse era a busca por uma construção ideológica de interesse de todos. De acordo com Lencioni (2009) foi nesse contexto que a cátedra de Geografia foi instituída nas escolas, com o objetivo da construção e afirmação da nacionalidade.

A Geografia serve antes de mais nada para compreensão da realidade, seja como ciência ou disciplina escolar. Para explicar conceitos estruturantes: lugar, paisagem, território, região e espaço.

Porém, o objeto essencial de estudo da Geografia passou a ser a região descrita, segundo Lencioni (2009), como:

Um espaço com características físicas e socioculturais homogêneas, fruto de uma história que teceu relações que enraizaram os homens no território e que particularizou este espaço, fazendo-o distinto dos espaços contíguos. O ponto de vista é o de que região pode ser objetivamente distinguida pela paisagem, e de que os homens tomam consciência dela, à medida que constroem identidades regionais (...).(LENCIONI, 2009, p.100)

Para Pereira e Cano (2012) o lugar é aquele ambiente em que as pessoas se reconhecem por se sentirem parte de um espaço detentor de características intrínsecas produzidas por uma comunidade e região como uma espécie de síntese da relação intrincada entre os campos físico (natureza) e humano (sociedade).

A Geografia como disciplina escolar tem muita importância pois permite uma discussão do seu objeto de estudo que é o espaço geográfico representado pela relação da sociedade e natureza, e que faz parte do cotidiano dos alunos, tais como: viver na cidade, estudar o meio rural, os problemas

ambientais, a economia, a globalização, as transformações mundiais e o espaço-tempo.

O professor é um dos responsáveis para o sucesso ou o fracasso do aluno. É de sua responsabilidade aplicar as metodologias cabíveis para que o conteúdo e a construção do conhecimento sejam atingidos. Pereira e Cano (2012, p. 27) afirmam que a Geografia, dependendo da maneira como é ensinada, se fará presente na realidade de nossos alunos, pois, como ciência social, estuda o espaço construído pelo homem. Os alunos poderão, por meio da compreensão dos fenômenos geográficos, ampliar os conhecimentos advindos de sua experiência como o espaço vivido, do lugar em que se reconhecem, de sua existência. Um grande desafio às aulas de Geografia é o que os levará a estabelecer relações com distantes espaços, outros conjuntos sociais e novas perspectivas de leitura do mundo.

O papel do professor de Geografia envolve o domínio do conteúdo, dos recursos pedagógicos, da interação com os alunos, das práticas pedagógicas e das estratégias de acordo com às novas realidades. Além disso, esse profissional tem que conviver com o desinteresse do aluno que considera que tal componente não é importante dentro do contexto escolar e no meio em que vive.

Cabe ao professor utilizar metodologias e materiais didáticos atualizados para motivar e estimular o discente a participar e interagir nas aulas de Geografia a fim de promover o conhecimento do espaço e do lugar onde vive conceituando as categorias geográficas através da construção de um conhecimento coletivo e pragmático. É importante que não sejam deixados de lado os recursos tecnológicos e a ferramenta da internet para a contextualização das aulas de Geografia. A utilização de outro espaço que não seja apenas a sala de aula também instiga a curiosidade e, com isso, a capacidade da construção do conhecimento.

Cavalcanti (2016, p.145) afirma que uma concepção socioconstrutivista entende o processo de conhecimento que ocorre no ensino como uma construção que envolve o aluno (sujeito) e o saber escolar (objeto), na qual ambos são ativos em interação. Sendo assim, uma ação didática

importante a ser desencadeada no ensino com vistas à construção de conceitos são as atividades dos alunos. O que o ensino promove é a atividade como forma de interação do homem (aluno) com o mundo dos objetos (saber escolar), que provoca o desenvolvimento escolar.

Uma das atividades mais importantes para a aprendizagem de Geografia é a observação. A “visualização” da paisagem se dá para a observação que provoca motivações a fim de possibilitar a construção do conhecimento. O professor provoca os estímulos das sensações físicas, espaciais e visuais a fim de que a imaginação promova a imagem da paisagem que remete a cada aluno sentimentos diferentes, visualizando a mesma paisagem.

A Geografia é uma disciplina que participa do nosso dia a dia e interage com a nossa percepção e construção de conhecimento. O professor deve sempre estimular a lembrança e o conhecimento do aluno sobre o contexto regional a ser trabalhado em aula. Um site de pesquisa sobre o tempo climático que o aluno consulte para ir a um passeio familiar, por exemplo, pode fazer com que o aluno associe o destino da viagem com uma região e um local não conhecido, mas explorado por informações sobre o clima e o tempo. Assim se constrói uma aula sobre paisagem, lugar e região de um destino específico antes não conhecido.

2.3 A importância das categorias geográficas

Os autores Pereira e Cano (2012, p.25) citam Santos (2002a, p.261) para explicar sobre o campo de atuação da ciência geográfica, a saber:

Uma ciência digna desse nome deve preocupar-se com o futuro. Uma ciência do homem deve cuidar do futuro não como um mero exercício acadêmico, mas para dominá-lo. Ela deve tentar dominar o futuro para o Homem, isto é, para todos os homens e não só para um pequeno número deles. Se todos o homem não for, também, um projeto, retorna ao homem animal que ele era quando, para assegurar a reprodução de sua própria existência, não comandava as forças naturais.

Agora, que a natureza modificada pelo trabalho humano é cada vez menos a natureza amiga e cada vez mais a natureza hostil, cabe aos que estudam uma vigilância redobrada. E a geografia, tantas vezes ao serviço da denominação, tem de ser urgentemente reformulada para ser o que sempre quis ser: uma

ciência do homem. (SANTOS, 2002a, p. 261 *apud* PEREIRA e CANO, 2012, p.25)

Estudar as categorias geográficas faz um elo entre as linguagens geográficas e as aprendizagens empíricas dos alunos. A Geografia define lugar e região de maneira complexa e diferenciada. Cada qual tem o seu conceito. Rocha (2008) comenta sobre as categorias:

O espaço, a região, o território, o lugar e a paisagem constituem-se no resultado particularizado da atuação humana na transformação do planeta. Diferentes conceitos, diversas formas de caracterizar este ato de mutação, são produtos originários de cada visão particular de mundo, de cada universo expresso na peculiaridade de cada homem como ser único, de culturas geradas em civilizações singulares. As “verdades” embutidas em conceitos antagônicos, no interior de cada categoria geográfica são frequentemente, expostas como enunciados insofismáveis. Entretanto, são produtos da decorrência da vida, do contato dos homens com outros homens em espaços e tempos desiguais, incrustados em numerosos e distintos universos culturais. Portanto, os conceitos diferenciados sobre as categorias geográficas são resultados desta individualidade. (ROCHA, 2008, p. 129 - aspas do autor)

É importante estruturar as ideias e as categorias geográficas, pois cada uma delas tem seu significado e sua característica para compreender desde o local ao global. Um exemplo é conhecer e saber da importância do porto de Santos, mas não saber a localização e sua verdadeira função na economia do país (regional-global) e da Baixada Santista (local e regional).

Conceituar a Baixada Santista como uma importante região metropolitana do estado de São Paulo é essencial no currículo escolar da rede municipal de ensino de Santos nos anos finais do ensino fundamental. Tal região é mundialmente conhecida por características esportivas e também por contar com o maior porto da América Latina.

Mesmo com o reconhecimento nacional da Baixada Santista é possível verificar alunos que não identificam quais cidades compõem esta região e também não conhecem seus limites. Por isso as categorias geográficas devem ser aplicadas para que ao concluir o ensino fundamental estes temas já tenham sido apreendidos por todo o alunado.

Percebemos também, em decorrência de nossa experiência em sala de aula, que o aluno tem pouco apreço por conhecer o seu lugar e sua região.

2.4 A categoria geográfica Região

Segundo Corrêa (2000) o termo região é um conceito complexo e não apenas faz parte do linguajar do homem comum, como também é dos mais tradicionais em Geografia e tanto num como noutro caso está ligado à noção fundamental de diferenciação de área, quer dizer, à aceitação da ideia de que a superfície da Terra é constituída por áreas diferentes entre si. Vale salientar, que esta não é a única explicação.

De acordo com Lencioni (2009) a palavra região torna os geógrafos prisioneiros de um problema complexo, pois tem sentidos variados.

Segundo Cavalcanti (2016, p. 32) algumas preocupações teóricas têm resultado em indicações para prática de ensino de Geografia dentre elas o desenvolvimento da linguagem cartográfica. Essa indicação tem como um dos eixos norteadores a alfabetização cartográfica e o trabalho com as representações de mundos visíveis, objetivos e de mundos subjetivos, numa compreensão de que representações cartográficas não se limitam ao mapeamento e a localização objetiva e fixa das coisas, mas devem dar conta de um espaço fluído, em rede, pleno de significações e sentidos.

A categoria geográfica de região tem diversas teorias e metodologias para serem aplicadas no Ensino Fundamental nos anos finais. Nossa pesquisa está baseada em investigar como os professores da rede de Santos ensinam o conceito região, não podendo deixar de incluir a categoria de lugar. Trata-se da articulação entre o regional e o local através da região metropolitana de Santos e a importância do porto para o município.

O espaço onde vivem tem uma significância nacional ainda mais evidente do que regional. O porto de Santos é apontado em vários livros didáticos do ensino fundamental e médio com destaque para a economia brasileira.

Nosso destaque será direcionado ao porto com o Terminal Marítimo de Passageiros Giusfredo Santini – Concais. Inaugurado em 1998 é o maior da América Latina. A movimentação dos transatlânticos virou atração turística,

chamando a atenção para a importância da atividade, e o Concais é hoje um cartão-postal de Santos e, pela contribuição significativa das atividades turísticas no país, por ser o Porto que mais embarca e desembarca passageiros, tornou-se também referência nacional.

A região geográfica assim concebida é considerada uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, supondo portanto uma evolução e um estágio de equilíbrio. Neste raciocínio, chegar-se-ia a conclusão de que a região poderia desaparecer. Sendo assim, o papel do geógrafo é o de reconhecê-la, descrevê-la e explicá-la, isto é, tornar claros os seus limites, seus elementos constituintes combinados entre si e os processos de sua formação e evolução. (CORRÊA, 2000, p. 15)

A região, assim como as outras categorias, é uma importante análise da Geografia, isso porque pode apresentar significados diferentes, dependendo do método utilizado para a sua interpretação. Sabemos que existem várias definições para esta categoria. Por isso é necessário fazer um planejamento com um currículo baseado nas competências e habilidades da BNCC e nos autores que atendem às correntes de pensamento como a Crítica e a Humanística.

2.5 O conceito de lugar

O conceito de lugar exprime a vivência, a experiência e o local onde o indivíduo vive e conhece. O lugar é sempre conhecido e visto por cada um de maneira diferente com aspectos individuais e por isso se faz necessário conceituar lugar para construir a identidade do espaço onde vive.

De acordo com Nascimento (2012, p.26), conforme citado por Mendes, Sousa e Pereira (2017, p.155), a Geografia deve sobretudo possibilitar que o 'lugar' onde os alunos vivem também seja visto em sala como um objeto do conhecimento geográfico, reconhecendo dessa maneira a dimensão do vivido, percebido e concebido como parte das propostas didáticas do ensino de Geografia e permitindo que através do lugar estes possam compreender o mundo e suas complexidades.

Tuan (1983, p. 36) acredita que o sentimento por lugar depende de conhecimentos básicos, grandes ou pequenos, naturais ou antrópicos. De

acordo com a maturidade e a cultura do ser, o lugar vai ganhando outras definições e características.

De acordo com Mendes, Sousa e Pereira (2017) sobre o sentido do lugar:

O ensino da categoria Lugar na ciência geográfica nos remete a uma formação de alunos que aprendem desde muito cedo a terem noções espaciais concretas quanto ao lugar que ele está inserido e as suas implicações sociais, culturais, entre outras. Este aprende a noção do valor simbólico presente em cada lugar. O ensino dessa categoria traz uma nova perspectiva aos discentes, podendo despertar-lhes para novas descobertas fazendo com que o estudante torne-se um protagonista na aprendizagem geográfica. (MENDES, SOUSA E PEREIRA, 2017, p. 154)

O lugar tem características particulares para cada pessoa que convive no mesmo lugar. Tem um cheiro, uma sensação e até mesmo uma dimensão diferenciada de uma pessoa para outra.

Para os autores Pereira e Cano (2012) esta categoria é definida por :

O lugar é aquele ambiente em que as pessoas se reconhecem por se sentirem parte de um espaço detentor de características intrínsecas produzidas por uma comunidade. Tais características dão uma identidade ao espaço, identidade esta proveniente das pessoas, que, por meio de sua cultura, imprimem marcas peculiares ao lugar. Com isso, o sentimento de pertencimento torna-se inevitável aos grupos sociais que constituem um espaço repleto de histórias, contradições, sentimentos, etc., diariamente vivenciados. Essa é a ideia central contida na definição do lugar em geografia, encontrada, inclusive, na maioria dos livros didáticos que chegam aos nossos alunos. (PEREIRA, CANO, 2012, p. 27)

Com esta definição percebemos que o lugar tem símbolos e histórias com os quais cada um constrói o seu lugar e a sua imagem de lugar. Existe o lugar afetivo, o lugar triste, o lugar onde vive, o lugar onde estuda. Enfim para o aluno este conceito tem vários espaços que ele convive com boas ou más lembranças, conhecidos pelo neologismo de Tuan (1983) por *topofilia*, que é o afeto pelo lugar e *topofobia*, como aversão.

3. Capítulo 2 – AS METODOLOGIAS

3.1 Metodologia para investigar como os professores ensinam as categorias geográficas de região e lugar

As aulas de geografia na rede municipal são de quarenta e cinco minutos onde o professor deve trocar de sala, organizar o grupo, registrar no diário de classe as faltas e as presenças e o conteúdo desenvolvido na aula. É necessário que o professor planeje a metodologia que deverá aplicar e os recursos que usará para conseguir otimizar o tempo e, com isso, abordar o conteúdo de maneira satisfatória.

Para as aulas de Geografia é preciso que a metodologia seja planejada para aplicar os conceitos que envolvem as categorias geográficas e este planejamento deve ser diferenciado pois cada grupo apresenta um potencial específico. Pensamos que é difícil idealizar uma única estratégia didática para ensinar em várias turmas, ou seja, se estamos querendo promover situações que levem o aluno a desenvolver o conhecimento devemos analisar o coletivo de cada turma, para assim, adequar criteriosamente quais serão as melhores estratégias a serem aplicadas em cada turma.

Atualmente, a rede municipal possui uma escassez de materiais que colaboram para ensinar a categoria geográfica região e lugar algo que estamos discutindo nesta pesquisa. Cabe aqui identificar as metodologias e os recursos utilizados pelos professores do grupo focal e promover uma significativa contribuição através do produto desta pesquisa.

Cavalcanti (2016, p.74) revela através de depoimentos de professoras que “região lembra mapa, lembra as grandes regiões brasileiras e os grandes contrastes entre elas. Lembra algumas características que se destacam em cada uma delas”.

O professor está sempre exercendo demonstrações de objetos de estudos e fontes de conhecimento. O aluno é sujeito que transforma o meio em que vive e se torna agente transformador do espaço. Por isso, Cavalcanti (2016,

p. 24) justifica “a finalidade ensinar Geografia para crianças e jovens dever ser ajudá-los a formar raciocínios e concepções mas articuladas e profundas a respeito do espaço”. Então cabe ao professor propor metodologias e recursos que estimulem este raciocínio do educando.

Sabemos que os professores de todas as áreas estão se sentindo desmotivados e têm enfrentado dificuldades em ministrar uma aula atrativa aos alunos uma vez que os jovens têm informações em tempo real. A aula para este adolescente é cansativa. Cavalcanti (2010) percebeu a dificuldade dos professores de Geografia:

Os professores de Geografia relatam que estão frequentemente enfrentando dificuldade em “atrair” seus alunos nas aulas, pois a maioria não se interessa pelos conteúdos que essa disciplina trabalha. No entanto, se a Geografia contempla a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço, as questões espaciais estão sempre presentes no cotidiano de todos eles, sejam as de dimensões globais ou locais. É o caso de se questionar, então, por que os alunos não mostram interesse especial pelos conteúdos da disciplina, limitando-se, na maior parte das vezes, ao cumprimento formal das obrigações escolares. (CAVALCANTI, 2010, p. 3)

Assim, para atingir os objetivos desta pesquisa investigamos quais metodologias e recursos específicos para o ensino das categorias geográficas em questão.

3.2 A metodologia do grupo focal

Decidimos aplicar a metodologia do grupo focal com professores de Geografia da rede municipal de Santos.

Com a entrevista de grupo focal faremos comparações teóricas sobre as metodologias utilizadas em sala de aula para o ensino das categorias geográficas de região e lugar, segundo Gatti (2015):

O trabalho com grupos focais oferece boa oportunidade para o desenvolvimento e teorizações em campo, a partir do ocorrido e do falado. Ele se presta muito a geração de teorizações exploratórias até mais do que para verificação ou teste de hipóteses prévias. (GATTI, 2015, p.13)

A pesquisa é qualitativa com a técnica de entrevista em grupo focal que visa identificar os métodos que os professores utilizam nas aulas de Geografia. Este grupo será composto por sete professores de Geografia da rede municipal de Santos. Para Gatti (2005), a pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção das perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias compartilhadas por pessoas no dia a dia e do modo pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros.

Segundo Lüdke e André (1986, p. 45) “analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, transcrições de entrevistas, análise de documentos e as demais informações disponíveis”. Para isso a entrevista foi gravada e filmada com a finalidade de não perder nenhuma informação. Os professores que participaram da entrevista foram autorizados pela Secretaria de Educação de Santos e preencheram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido³ (TCLE), ou seja, a autorização para contribuir com a pesquisa.

Cumpra salientar que o roteiro do grupo focal passou pelo Comitê de Ética da Universidade Metropolitana de Santos e possui como Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) o número 19453919.6.0000.5509.

O grupo trabalhado é heterogêneo, todos residem em Santos, porém nem todos cresceram na metrópole da Baixada Santista. Os professores são da rede municipal há pelo menos três anos e os cargos variam em professores de educação básica e professores adjuntos, ou seja, alguns têm sede (escola fixa de trabalho) e outros trabalham substituindo professores de Geografia.

Para Gondim (2003):

Os grupos exploratórios estão centrados na produção de conteúdos; a sua orientação teórica está voltada para geração de hipóteses, o desenvolvimento de modelos e teorias, enquanto que a prática tem como alvo a produção de novas ideias, a identificação das necessidades e expectativas e a descoberta de outros usos para um produto específico. Sua ênfase reside no plano intersubjetivo, ou melhor, naquilo que permite identificar aspectos comuns de um grupo alvo (GONDIM, 2003, p. 152).

³ Anexo 1

De acordo com Borges e Santos (2005, p. 76): “o local no qual será realizado o grupo deve ser idealmente neutro, acessível e silencioso”. Com isso nossa entrevista foi realizada na sala de reuniões da UME Pedro II, em Santos, no bairro Ponta da Praia, no dia vinte e seis de outubro, às oito horas e trinta minutos. Neste dia, a escola foi usada apenas para esta entrevista do grupo focal.

O local estava silencioso o que facilitou a gravação de áudio e a filmagem de toda a entrevista. Os professores sentaram em volta de uma mesa em lugares escolhidos por eles. A mediação da entrevista foi feita pela pesquisadora com algumas intervenções da orientadora.

Sobre as questões⁴ da entrevista, Borges e Santos (2005) argumentam:

O roteiro de entrevista contém em suas questões os temas-chave a serem investigados. A sequência dos temas é normalmente ordenada, primeiramente, por questões gerais e, em seguida, por questões específicas. Tal ordenação permite que os elementos essenciais apareçam de forma mais natural. A preparação desse roteiro exige a análise cuidadosa dos objetivos da investigação. (BORGES E SANTOS 2005, p. 76)

A metodologia foi baseada na investigação dos métodos e recursos que os professores de Geografia utilizam para ensinar as categorias geográficas de região e lugar na sala de aula para apresentarmos uma sequência didática como produto final da pesquisa.

3.3 A Pesquisa

Esta pesquisa pretende identificar as necessidades de materiais para que o professor consiga planejar suas aulas com exemplificações mais atualizadas sobre a região e o lugar onde estão inseridas nossas escolas. Assim pensamos que, aos professores, cabe organizar esses conhecimentos locais e regionais em notícias e informações para mediar o conhecimento de cada discente em relação ao conceito lugar e região.

⁴ Anexo 2

No plano de curso⁵ de Geografia da rede municipal de ensino de Santos, do sexto ao nono ano, há o conteúdo da Baixada Santista e a importância do Porto de Santos em nível local e global.

Para Costa e Moreira (2016, p. 41), a disciplina escolar da Geografia tem vínculos com a respectiva ciência por meio de conceitos, métodos e teorias geográficas. Os conteúdos disciplinares são organizados para atender a concepções hegemônicas da própria ciência e correspondem ao tempo e espaço específicos, articulados às concepções pedagógicas de organização do currículo e do ensino.

A atuação do professor e a busca por um profissional cada vez mais preparado faz com que cresça a busca por uma profissionalização cada vez mais ampla.

De acordo com Mendes (2015, p. 42 – grifo do autor) “para que uma aula seja considerada “perfeita” não há uma receita pronta e acabada, o que se deve compreender é que o processo de ensino e aprendizagem pressupõe além dos conteúdos específicos da disciplina, a utilização de métodos e estratégias que viabilizem a aprendizagem tornando-se interessante aos olhos do aluno e satisfatório aos objetivos da docência.”

Os professores dominam técnicas e metodologias pedagógicas. Tal conhecimento é adquirido com a prática e muitas vezes eles não sabem a denominação dessas técnicas e metodologias. Cavalcanti (2015, p. 34) explica sobre a capacidade do professor: “os saberes referentes ao universo de trabalho do professor e à sua natureza são aqueles alusivos à escola e aos saberes sobre práticas de sala de aula. Os primeiros podem ser denominados saberes sobre gestão escolar e os segundos, saberes sobre métodos pedagógicos.

⁵ Anexo 3

4. Capítulo 3 – O GRUPO FOCAL

4.1 O grupo focal com os professores de Geografia

Eu sou mega feliz como professora não mudaria de profissão jamais. (Professora Embaré, Apêndice p. 73)

Neste capítulo, apresentamos a entrevista realizada através de grupo focal com sete professores de Geografia de escolas diversas do ensino fundamental da rede municipal de ensino. A seleção dos professores se deu de maneira voluntária, para alguns que demonstraram muito interesse em participar desde o início, e outros foram convidados e aceitaram prontamente. Para participar do grupo era necessário professores de Geografia que lecionam no ensino fundamental II

Realizamos em vinte e seis de outubro de dois mil e dezenove nas dependências da Escola Municipal Pedro II em Santos uma entrevista de grupo focal com sete professores de Geografia da rede municipal de ensino de Santos. O grupo misto contou com 3 professores e 4 professoras. Todos concordaram com a gravação da entrevista e assinaram o Termo de Compromisso Livre Esclarecido (TCLE). Tanto a Seduc quanto a direção da escola assinaram documento de autorização do uso da unidade de ensino como ponto de encontro para pesquisa.

A vantagem da utilização do grupo focal para Borges e Santos (2005) em relação às técnicas de coleta de dados sobre a entrevista individual é que eles permitem aos pesquisadores observar os processos de interação que ocorrem entre os participantes. Acrescenta-se a essa questão o fato de que a interação entre os participantes do grupo geralmente diminui o montante de interação entre o facilitador e os membros do grupo, podendo assim minimizar a influência do pesquisador sobre o processo de entrevista.

4.2 Análise e os Resultados da Pesquisa

Atribuímos aos professores entrevistados nomes de bairros de Santos para evitar que seus nomes fossem revelados. Segue o quadro 1 de atribuição de nomes, idade e tempo de experiência no magistério como professor de Geografia:

Quadro 1: Dados dos participantes

Nome atribuído e história do bairro	Idade	Experiência no magistério
<p>Professor BOQUEIRÃO</p> <p>Ficou com essa denominação por ser em outros tempos a única entrada e saída para as praias. Conforme sua expressão léxica, era a boca ou a garganta. Os viandantes palmilhavam o Caminho Velho (hoje Rua Luís de Camões), entravam numa vereda que hoje é a Rua Osvaldo Cruz e demandavam o boqueirão das praias, como única passagem, pois ainda não estava aberta a Avenida Conselheiro Nébias. Boqueirão da Barra. E ficou apenas com o nome Boqueirão.</p> <p>Fonte: Site Novo Milênio. Histórias e lendas de Santos. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0334b.htm>. Acesso em 01 de novembro de 2019</p>	35 anos	11 anos
<p>Professor GONZAGA</p> <p>Quando Matias Costa se dispôs a lançar linha de bondes puxados a burros, sobre trilhos, em direção à Barra (Praia), a Empresa de Bondes de Vila Matias, Antônio Luiz Gonzaga, ativo e inteligente, montou boteco no caminho que é hoje a Rua Marcílio Dias, quase na esquina da Barra, do lado oposto onde agora está o Avenida Palace Hotel. Ficou muito conhecido o local. Gonzaga melhorou o boteco, ampliando-o com dependências para banhistas, enquanto quiçá com ajuda de Matias Costa ergueu ao lado um puxado para abrigar as pessoas, que pretendiam apanhar o bonde em casos de chuva ou de sol forte. E o pequeno espaço ficou conhecido como <i>Ponto do Gonzaga</i>, como parada obrigatória dos bondinhos de burros de Matias Costa. Ganhando dinheiro, Antônio Luiz Gonzaga abandonou o boteco e abriu escritório no Centro, tornando-se avalista, corretor de imóveis e até emprestando dinheiro a juros módicos. Esse o patrono do Gonzaga.</p> <p>Fonte: Site Novo Milênio. Histórias e lendas de Santos. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0334b.htm>. Acesso em 01 de novembro de 2019</p>	38 anos	15 anos

Professora EMBARÉ

Antigamente Embaré era a designação de todas as praias de Santos. Seu nome exprime que as águas são boas para os banhos e têm propriedade terapêutica. Os banhos de mar tomados nessa faixa tinham e ainda devem ter a faculdade de curar diferentes males físicos. Era lá que existiam as maiores chácaras, como a do barão e depois visconde de Embaré, que mandou construir capela inaugurada a 16 de setembro de 1875 sob a invocação de Santo Antônio. A antiga Capela do Embaré é hoje a Basílica de Santo Antônio do Embaré.

51 anos

Fonte: Site Novo Milênio. Histórias e lendas de Santos. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0334b.htm>>. Acesso em 01 de novembro de 2019

Professora ESTUÁRIO

O Estuário é um bairro novo, criado em 1968, mas pode se orgulhar de um passado repleto de história. Surgiu do retalhamento do Macuco, que já foi o maior bairro de Santos e herdou muitas de suas tradições. Imaginem só: desde a definição do novo abairramento de Santos, a Bacia do Macuco e as Casas Populares do Macuco passaram a fazer parte do Estuário.

51 anos

14 anos

Fonte: Site Novo Milênio. Histórias e lendas de Santos. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0334b.htm>>. Acesso em 01 de novembro de 2019

Professora MACUCO

Foi o maior bairro do Município. Todavia, com a criação de Estuário e Aparecida, seu território ficou reduzido. Provém sua história da tradicional família Macuco, possuidora de grande parte da gleba onde se formou a Vila Macuco. Seu chefe, Francisco Manoel Sacramento, português, açougueiro, apreciava a caça e frequentemente se entregava aos atos de perseguição de macucos. Tanto se afeiçoou a esse esporte venatório que recebeu o apelido de Macuco, que, longe de agastar-se, acrescentou-o ao sobrenome, de modo que também seus descendentes se tornaram Macuco.

52 anos

Mais de 30 anos

Fonte: Site Novo Milênio. Histórias e lendas de Santos. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0334b.htm>>. Acesso em 01 de novembro de 2019

Professora POMPÉIA

O bairro da Pompeia, eminentemente residencial, concentra um bom número de estabelecimentos comerciais como restaurantes, bares, comércio varejista variado, supermercados. Também é local para estabelecimentos hoteleiros (pequenos hotéis, pousadas e pensões), confirmando sua vocação turística e a proximidade da praia.

56 anos

Mais de 30 anos

Ao longo dos anos 1990, reivindicações foram feitas pela separação formal e administrativa e pela criação do bairro da Pompeia, o que aconteceu, de fato, em 1998.

Devido à presença da praia, os pontos turísticos importantes da Pompeia se localizam ao longo da orla marítima. Destaques para o monumento Cristóvão Colombo e o chafariz

com o Monumento do Surfista, uma homenagem a pioneiros do surfe brasileiro.

Também no local está situada a Escola Radical da Prefeitura Municipal de Santos, que ensina os primeiros passos do surfe a crianças, jovens, adultos e idosos.

O nome do bairro foi uma homenagem à Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompeia, localizada na Praça Benedito Calixto, construída nos anos 1920.

Fonte: Site Prefeitura Municipal de Santos. Disponível em <<https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/pompeia-celebra-20-anos-de-emancipacao>>. Acesso em 01 de novembro de 2019.

Org: Guerra (2019)

Para Vieira (2003), as entrevistas com os professores não devem ser realizadas com o objetivo de apreender uma definição precisa do significado de região, mas sim apreender a compreensão e o entendimento do docente sobre a referida categoria geográfica com o intuito de conhecer o grau de atualização destes em relação às produções teóricas da Geografia. Para isso, utilizamos perguntas como: quais são os tipos de formação inicial e continuada? e quais metodologias são utilizadas para o ensino de região e lugar?.

Todos os professores entrevistados têm mais de dez anos de experiência como professor de Geografia. A maioria está na rede há mais de cinco anos.

Percebemos que, dos sete professores apenas o professor Boqueirão tinha certeza de que seria professor de Geografia quando escolheu o curso universitário que faria. A professora Pompéia tinha certeza de que seria professora, mas pensava em fazer faculdade de História como o pai e influenciada por ele, resolveu fazer faculdade de Geografia. O professor Encruzilhada é o único que tem apenas o cargo de professor de Geografia na rede municipal de Santos os demais não têm dedicação exclusiva. O professor Gonzaga tem dois cargos nesta rede.

Sobre a questão “se sente motivado como professor”, a professora Estuário diz que está difícil acreditar na educação:

com tudo que a gente vivencia ,com tudo que acontece, mas um ou outro aluno te traz esta esperança e a vontade de se manter na área.

O professor Encruzilhada disse concordar com a professora Estuário e acrescenta:

nós somos motivados, mas nos manter motivados é um pouco mais difícil por várias questões entre elas burocráticas e das secretarias. Mas tem alguma coisa, e só quem é da área mesmo para poder explicar, que é não saber bem o porquê que a gente acorda e vai trabalhar. Nós da Geografia se vemos algo na rua ou no jornal queremos sempre compartilhar com os alunos.

Podemos dizer que a educação motiva o profissional, mas o sistema ou a falha dele desmotiva o professor. Percebemos também que alguns alunos fazem com que o professor se sinta motivado.

Todos afirmaram que a rede municipal não ofereceu cursos específicos para os professores de Geografia em 2019. No ano de 2018 aconteceu um curso presencial com professores de Geografia que lecionam no Ensino de Jovens e Adultos (EJA), um curso específico para esta modalidade de ensino.

Em relação à dificuldade para desenvolver o planejamento na sua escola todos dizem que têm dificuldade e nossa entrevista, através de grupo focal, evidenciou a decepção dos sete professores com o livro didático. O professor Gonzaga fala que *“não vê o livro como compatível com o público escolar, porque ele é conteudista, e de uma linguagem muito complexa para os alunos”*. O professor Boqueirão queria que os alunos soubessem interpretar os textos dos livros adquiridos pelo PNLD. Já o professor Encruzilhada alega que o material didático não trabalha o conteúdo curricular da rede municipal de Santos. Todos os professores comentam que a rede não oferece material correlato com o currículo proposto e que o livro didático não é imposto. Com exceção do professor Encruzilhada os demais utilizam o livro didático como recurso para suas aulas.

O livro didático de Geografia (Programa Nacional do Livro Didático) não pode ser o único recurso em sala de aula, mas deveria ser utilizado por todos como a metodologia mais criteriosa em conteúdo, imagens, mapas e atividades. Porém, os professores não fazem uso deste material. Pina (2009):

Por vários anos foram atribuídos ao uso dos livros didáticos de Geografia todos os problemas relacionados ao ensino da disciplina. No entanto, tem de se considerar que essa atribuição está ultrapassada, de certa forma a metodologia fechada que envolve leitura e questões relacionadas ao texto do livro didático vêm aos poucos sendo deixadas de lado, já com tempo, por

inovações metodológicas incorporadas ao ensino de Geografia como debates em sala de aula, aulas de campo, estudos do meio, seminários temáticos, assim como também os recursos tecnológicos que chegam à escola do século XXI e tendem a auxiliar consideravelmente o trabalho do professor dentro e fora da sala de aula, facilitando a aprendizagem dos estudantes, contribuem para a possibilidade de não ver e ter o livro didático de Geografia como único recurso didático em sala de aula. (PINA, 2009, p.46)

Perguntamos se o professor recebe orientação pedagógica relativa ao planejamento e os professores foram categóricos ao afirmar negativamente a questão. A professora Embaré respondeu sobre a orientação pedagógica: eu percebo que falam uma coisa e na prática é outra.

De acordo com a pergunta “Você utiliza quais recursos para suas aulas?”, com exceção do professor Gonzaga que não respondeu esta questão, os demais responderam:

Professora Pompéia: Eu ainda sou do giz e lousa. Mas gosto do vídeo, se eu tenho acesso à lousa digital eu uso, eu gosto de slides, e gosto muito de texto não escolarizado, textos extras, poemas, música, outras linguagens pois fazem uma relação que eles sentem que estes textos também têm geografia.

Professora Estuário: material impresso que levo de casa e a voz.

Professor Boqueirão: estudioteca⁶ uso o recurso de vídeo, internet, projetor e biblioteca, uma vez por mês ou a cada quinze dias.

Professora Embaré: eu uso muito jornal, eu gosto muito de jornal, de matéria de jornal, eu acho que o livro didático é difícil mas eu uso as imagens para eles, eu contextualizo e sempre uso o vídeo ou para amarrar o início ou o final do planejamento, vídeos curtos, ou vídeo só de imagens, e bastante jornal da região.

Professor Encruzilhada: este ano diversifiquei muito os exercícios, a sala virtual do google, Google Classroom, traduzido é Google Sala de Aula, então eu fazia atividades assim com um determinado tema, tinha o vídeo, reportagem de jornal e eles acessam e nessa mesma plataforma eles fazem a atividade, eu corrijo e eles tem acesso a correção. Usei esta ferramenta no aplicativo no celular que eu liberava para usar em sala de aula

⁶ Estudioteca: Os núcleos tecnológicos, chamados de estudiotecas são as novidades em nove escolas municipais que atendem oito mil alunos. Inseridas no projeto Escolas que Inovam, os novos espaços são dotados de tablets, notebooks, data show, entre outros equipamentos multimídia. (Fonte: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/nove-escolas-ganham-biblioteca-e-estudioteca-tecnologicas>. Acesso em 04 de nov. de 2019)

quem não tinha no celular podia fazer no notebook em casa, enfim eles se viravam. Muitas vezes eu reservava a estudeoteca para eles fazerem lá. Aí um ajudava o outro. Um recurso que usei bastante pela facilidade de colocar lá vídeos e tudo centralizado ali. Como recursos utilizei a estudeoteca para fazer pesquisas através dos tablets, usei jornal, o Youtube, e estudo do meio.

A partir das respostas dos professores, observamos que os entrevistados utilizam diversos e diferentes recursos didáticos.

O jornal, vídeos e textos paradidáticos são os recursos mais utilizados por eles, o que confere com o denominado como recurso didático para Costa e Moreira (2016):

A denominação recursos didáticos insere vários tipos de materiais e linguagens, como: livros didáticos, paradidáticos, mapas, gráficos, imagens de satélite, literatura, música, poema, fotografia, filme, videoclipe, jogos. (COSTA e MOREIRA, 2016, p. 63)

Depois de ouvir sobre o planejamento e sobre os recursos que os professores utilizam e necessitam vamos agora trabalhar a geografia propriamente dita. A questão foi a seguinte: “Qual categoria geográfica é mais difícil trabalhar em sala de aula devido à falta de recursos?” e as respostas foram:

Professora Pompéia: Por incrível que pareça e eu já falei duzentas vezes e eu tenho aluno de todos os níveis, o mais difícil é que eles entendam o conceito da cidade, da região, do estado e do país, e as esferas de poder nestes âmbitos também, é muito difícil, e isto é tralhado desde o fundamental I e eu não consigo entender porque é o mais difícil. Depois que eles entendem isso o resto vem. Região é uma categoria difícilíssima para entender. Eu acho muito difícil inclusive para trabalhar mesmo usando as definições que temos da USP, do Milton Santos, a gente adapta, mesmo assim. Antes era possível caminhar em volta da escola isso ajudava mas porém agora as escolas públicas não se faz mais para sair da escola é tão burocrático que nem vale a pena. Fazia esta tarefa de observação e agora eles fazem sozinhos.

Professor Encruzilhada: escala, quando eu vejo no livro eu penso vou tirar uma licença.

Professora Macuco: escala é uma dificuldade minha
Professor Gonzaga: cartografia e escala

Professora Embaré: trabalhar noção de espaço

Professor Boqueirão: projeções cartográficas

| Professora Estuário: coordenadas geográficas

A única professora que tem dificuldade trabalhar a categoria geográfica região, mesmo utilizando conceitos acadêmicos do Milton Santos, é a professora Pompéia. Os demais citam outras dificuldades tais como cartografia, escala e espaço. Percebemos que a professora Pompéia atribui a dificuldade de visitar o entorno da escola como uma justificativa para a dificuldade do aluno de entender o conceito região quando na verdade este tipo de metodologia deveria ser para compreender a categoria geográfica lugar e até mesmo espaço.

Para Cavalcanti (2015, p. 45):

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem e trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios. Assim, vão formando especialidades cotidianas em seu mundo vivido e contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construir geografia, constroem também conhecimentos sobre o que produzem. Então, ao lidar com coisas, fatos e processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo geografias (no sentido de especialidades) e, ao mesmo tempo, conhecimento sobre elas. (CAVALCANTI, 1998,

Conseguimos perceber que a Geografia escolar se distancia da Geografia acadêmica já que uma única professora citou Milton Santos. Os professores não trabalham o conhecimento da geografia acadêmica durante suas aulas. Vieira (2013, p. 23) conclui isso: “o saber geográfico escolar, apesar de se diferenciar em alguns aspectos do saber geográfico acadêmico, deve-se manter sintonizado com os avanços e inovações teóricas e metodológicas ocorridas com este último. Ele deve se construir levando em consideração a estrutura, a organização interna e a forma como é organizado e pensado o saber geográfico acadêmico. Caso isso não ocorra instala-se um desencontro teórico-metodológico entre um e o outro. O que poderá comprometer a qualidade do ensino e a compreensão do aluno-cidadão sobre a sua realidade”.

Quanto à questão sobre “Quais são os recursos necessários para trabalhar região em sala de aula?” os professores responderam:

| Professora Pompéia: A leitura mais que tudo, é esse entendimento de mundo, parece que o aluno vem de outro bairro e não sabe o que é litoral, não sabe o que é oceano, eu acho que a gente precisa de uma leitura básica, a escola tem que ser

tradicional na leitura, o aluno leu e escreveu a gente vai colocando o assunto.

Professora Embaré: eu penso que tem que ter um Atlas, mais saídas de campo, eles perceberem onde eles moram. Eu acho que se tivesse a saída de campo e uns mapas para eles verem o espaço que moram. O raciocínio cartográfico para eles é muito abstrato. Penso que se usássemos a lousa digital mostrando o espaço através de imagens e depois saíssemos para uma visita de campo eles reconhecem na saída de campo o que viram na sala ficaria tudo mais amarrado. O livro didático não oferece esses mapas que precisamos pois eles não falam de região.

Professor Encruzilhada: eu penso muito na questão dos mapas, aquela cartilha azul que tem nas escolas, da professora Angela Maria Frigério, tinha que ter um para cada um para eles pintarem os mapas. No livro didático do sexto ano os mapas vêm com as siglas e o aluno não sabe o que significa TO ou RN.

Professora Macuco: exercícios de mapa eles precisam aprender com o concreto.

Professora Estuário: a lousa digital com internet para que você coloque a imagem que quiser de imediato, porque enquanto estamos falando ficamos no abstrato e este recurso possibilita concretizar o falado. Os livros didáticos não disponibilizam os mapas que preciso e o livro também não é atrativo.

Professor Gonzaga: trabalhar nesta sociedade informatizada com mapas de papel é muito chato. Para pintar eles curtem, qualquer desenho um vulcão ou um mapa eles pintam legal. Agora você ensinar territorialidade ou região com mapas de papel é um tédio. Mas se tivéssemos tecnologia na sala de aula mesmo para ver um mapa, dar um zoom, se você pudesse ver a própria escola de cima, dar um zoom, agora vamos para uma escala maior, trabalhar as perspectivas do ponto da escola que é o comum para todos. Se pudéssemos pegar pontos referenciais de uma cidade e a gente pudesse caminhar no mapa de maneira virtual você mostraria a distância destes pontos até a escola. Observar os morros a ocupação clandestina, a área verde, enfim. Faltam os mapas temáticos, eles são muito mais ilustrativos.

Professor Boqueirão: os livros têm mapas de região, porém são simples, tradicionais e eles têm contato com eles desde o ensino fundamental I porque eles já apareciam nos livros. Percebemos que temos carência do material local, do material do entorno. Não temos mapas temáticos.

Com exceção da professora Pompéia, os demais professores citam o livro didático como incompleto em relação aos mapas sobre região. E que com recursos mais interativos, lousa digital, material local, saída de campo com

mapas locais, ou seja, se os professores tivessem recursos como didáticos em escala local, como Atlas municipais, (mapas físicos ou virtuais) e se os alunos contassem com o recurso de reconhecer o lugar onde vivem, com mapas, através de estudos do meio, seria muito mais concreto o ensino da categoria região e do lugar.

Pensamos que o relato sobre o uso de mapas como recurso para ensinar a categoria geográfica região faz com os professores entrevistados necessitem utilizar o mapa local e a categoria geográfica do lugar onde vivem os alunos, para dar início ao conceito da categoria geográfica região. Tal pensamento vai ao encontro de Campos (2017, p. 51) “a utilização de mapas para ensinar Geografia potencializa a compreensão espacial dos alunos à medida que o nível de entendimento sobre o real representado, torna-se um instrumento que valoriza a relação do sujeito com o mundo”.

Sobre a metodologia ou metodologias utilizadas para ensinar região os professores diversificaram as respostas e muitos não respondem exatamente à pergunta. A professora Pompéia trouxe a seguinte contribuição:

Trabalho com textos didáticos ou não didáticos, mapas. Livro didático da coleção Espaço e Vivência de Levon Boligian.” Já a professora Estuário repondeu “de forma geral utilizo aula invertida que não funciona cem por cento, mas com alguns alunos dá certo. Então seja região ou tema que você for trabalhar eu sempre peço para eles pesquisarem antes, darem uma olhada, eu tenho uma aluna que faz isso, ela assiste vídeos, faz pesquisa prévia da aula que ainda será dada. Então a aula invertida⁷ é uma metodologia que gosto de utilizar.

O professor Gonzaga explicou:

⁷ Aula invertida: técnica utilizada pela professora que explicou que antecipa o nome do conteúdo da aula seguinte para que os alunos possam pesquisar em casa antes da explicação na aula.

(...) formos considerar a metodologia que eu gosto muito é geossistemas⁸ do Figueiredo Monteiro⁹ porque ele dá uma versatilidade para você estudar a metodologia é muito complexa a dele, ele utiliza figuras pictóricas, desenhos, blocos, diagramas, dá para você fazer diversas coisas a partir da metodologia de geossistemas se você aplica-la na educação é possível mas para mim fica mais fácil porque eu sei desenhar na lousa mas e para quem não sabe? é impossível utilizar esta metodologia como referência mas é possível fazer este link de escalas sobre regiões por meio dos desenhos.

Portanto mais uma vez percebemos que a metodologia citada pelo professor não é direcionada especificamente a ensinar região.

Nesta questão o professor Boqueirão destaca uma técnica própria e explica:

Eu utilizo análise dos critérios do que estão estudando, então eu coloco na lousa a palavra chave e a partir daí eu começo a colocar isso em questão e trago para a realidade do aluno, falo sobre o dia a dia dele, tento fazer com que ele entenda o que é um critério, esta é uma grande questão, como vou analisar critério de regionalização se ele não sabe nem o que é um critério, você tem critério?, critério do que?, quando você escolhe uma roupa ou que comer, que critério você usa?; então a partir desta ideia de análise do critério de regionalização então a metodologia que eu uso é análise.

O professor Encruzilhada utilizou, em 2019, em vários momentos no oitavo ano como metodologia o Mapa Mental¹⁰ e destaca que não o utilizou para ensinar região metropolitana da Baixada Santista. Entretanto, a metodologia

⁸ Os "geossistemas" (ou sistemas ambientais se assim preferirem) estão bem dentro daquela categoria dos sistemas de alta complexidade que estão sendo ativamente investigados pelos cientistas atualizados e conscientes da necessidade de mudanças. Sistemas altamente complexos, geometrias fractais, teoria do caos, são ferramentas externamente promissoras à investigação do nosso agora, introdutórias aos grandes avanços do logo mais.

⁹ Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro – considerado uma referência para a Geografia brasileira do século XX. Atuou em pesquisas direcionadas à Geografia Física com enfoque na Geomorfologia Climática e Processual e Climatologia. No entanto, em virtude de primorosa formação intelectual e artística, abriu campos de estudo da Geografia com o teatro, as artes visuais e a literatura.

¹⁰ Para Keidmann (2013, p. 1) “mapas mentais são formas de registrar informações”.

citada pelo entrevistado parece pertinente ao tema região pelos atributos que é defendida por Keidnann (2013) que diz “os mapas mentais quando bem elaborados conseguem unir várias qualidades importantes para a eficácia do ensino, como objetividade, atratividade e hierarquia de conhecimentos, fundamentando ordenadamente os saberes”. (KEIDNAN, 2013, p. 14)

A professora Embaré responde que também utiliza como metodologia o mapa mental e explica como faz quando trabalha a categoria geográfica região:

eu uso o visual primeiro, mostro na estudeoteca ou senão eu mostro no meu celular mesmo, eu uso mapa mental com todos, para ver se eles começam encadear as ideias, explico o que é região, e pergunto o que é região, eles respondem a padaria, a rua, depois que fazemos isso eu tenho feito muitos jogos com eles e eles criam jogos. Penso que com os jogos eles aprendem bastante, eles já fizeram dominó, jogo da memória, trilha, vários de tabuleiro e eu gostei bastante do resultado. Fizemos tudo com material reaproveitado, eles criaram as perguntas, criaram as regras.

Analisando as respostas desta questão, percebemos que os professores conhecem metodologia, mas a maioria não consegue explicar qual utiliza quando trabalha a categoria geográfica região, estudada nesta dissertação.

No dia da entrevista, fizemos uma pergunta que entendemos ser pertinente divulgá-la neste trabalho. Perguntamos “você acha que esta categoria região é difícil para trabalhar?”. Seguem as respostas na íntegra:

Professor Boqueirão: Não

Professor Gonzaga: Não

Professor Encruzilhada: muitas vezes depende de onde eu quero chegar, eu tenho quatro nonos anos e sei que cada sala tem sua particularidade. Tem sala que responde o básico e pronto. Agora tem sala que eu posso explorar. Eu falo para eles assim alguns conceitos de geografia ou você sabe ou você sabe. Porque é muito difícil região. O que é o lugar, o que é o local, a região você tem que saber pois são diversas, tem a região norte, a região da banana, a região do cacau, a região da invasão, então eu digo quando você vai ler um texto de geografia a questão de região você tem que saber, tem que conhecer, porque senão você não entende o texto. Eu acho que é difícil neste sentido de região e territorialidade. Por conta da identidade. Para meu aluno fica fácil quando falo da região da bacia ou da região do mercado eles entendem, mas se eu falar

onde é a região da banana eles não vão saber e está aqui no Vale do Ribeira, encostado. Não é a vivência dele, tudo depende de onde você quer chegar.

Professora Embaré: eu penso que é difícil porque se eu coloco o conceito na lousa não vai adiantar, eu tenho que aprender a ensinar a região. Eu vejo muita aula partindo só do conceito agora se eu partir do conhecimento do aluno, o que ele entende por região, o que ele vê ao redor, do conhecimento dele, eu talvez não vá aprofundar. Eu percebo também que em cada escola o público é diferente e isso interfere na formação do conceito de região.

Professora Estuário: Não

Professora Macuco: Não

A professora Pompéia já havia afirmado que encontrava dificuldade para trabalhar região; a professora Embaré também pensa que é difícil ensinar tal conteúdo a partir do conceito, ela acredita que é necessário conceituar a partir do conhecimento do aluno.

Na penúltima questão, analisamos os conhecimentos dos alunos sobre a região metropolitana da Baixada Santista no ponto de vista dos professores. Seguem as respostas:

Professora Pompéia: Eu trabalho em escolas muito próximas ao porto e, muitas vezes, eles não têm noção nem que a cidade de Santos foi tão importante para a história, sempre falo isso para eles: olha a história do Brasil! Santos está presente! E eles não tem noção da questão do dinheiro que circula ou que está circulando aqui. Estávamos discutindo estes acidentes que aconteceram em Brumadinho e um aluno disse que eles tinham que cobrar uma multa grande de cinco mil reais e tive que falar para ele que isso é pouco para estes empresários a multa é em bilhões de dólares. Este porto aqui gera bilhões de dólares, a Ultracargo que teve aquele acidente com os tanques aquilo gerou um impacto no porto de milhões de dólares, uma multa do porto é em milhão por dia. Eles não têm a noção da riqueza e da importância deste porto. Eles não entendem muito região metropolitana da Baixada, eles pensam que são do Guarujá ou da bacia do Macuco, e eles não sentem dentro da cidade. Pergunto: Praia Grande você já foi, vocês costumam ir para outras praias, outras cidades. Eles não entendem esta conurbação que os municípios estão interligados.

Professor Gonzaga: de ouvir falar no telejornal da TV Tribuna quando eles se manifestam, eles não sabem quais são as cidades, mas já ouviu falar de região metropolitana da Baixada Santista. Eles não têm ideia da distribuição e nem das cidades que fazem parte.

Professor Estuário: quando levei o jornal para trabalhar comprei A Folha de São Paulo, o Jornal Atribuna e o Boque News, jornal do Boqueirão, e expliquei para eles este jornal é nacional, este é regional e este é só do bairro de um pedacinho da cidade. Mesma coisa da televisão, pedi para eles assistirem o Jornal da Tribuna, depois vão ver o jornal Nacional, eles até conhecem o termo a Baixada Santista, mas não sabem que é uma região.

Professora Embaré: Baixada Santista eles não sabem por que é baixada.

Professor Boqueirão: muito menos da metade dos alunos que eu tenho sabem o que é região Metropolitana da Baixada Santista. Até porque eles ouvem falar no telejornal, mas não tem noção dos municípios que compõem e nem sabem o porquê esta região se compõe.

Percebemos que os professores sabem que os seus alunos não têm noção do conceito região e nem o que é a região Metropolitana da Baixada Santista. A maioria percebe que seus alunos ouvem falar nos telejornais mas não sabem explicar o que trata “esta região”.

E, por fim, vamos a última pergunta que trata um lugar específico da região metropolitana da Baixada Santista, o Porto de Santos. Perguntamos: “Como você trabalha o Porto de Santos? Explique.”

A professora Pompéia diz trabalhar com este conteúdo teoricamente no sexto ano e só fala da importância. O professor Encruzilhada contou que por não ser de Santos tem muita dificuldade para entender, mas reconhece sua função quando explica:

converso com os alunos vamos ver com quem nossa cidade dialoga, com quem ela conversa, levo mapa para eles entenderem que o porto de Santos conversa com o porto de Nagoya no Japão, ou seja, da escala regional para a escala global.

Já a professora Macuco quando trabalha o Porto trata da questão do transporte no Brasil, como o porto é explorado, o transporte hidroviário, que é mal utilizado no país, e faz também a comparação entre o porto de Santos e o do Japão.

Nas aulas do professor Gonzaga são abordados outros assuntos em relação ao Porto de Santos:

eu trabalho essa questão da paisagem, do motivo do sítio urbano, o motivo econômico e estratégico na época da colonização brasileira. A questão dos blocos econômicos e comerciais. E também quando fala de regiões brasileiras dos produtos que chegam por meio de ferrovias, da soja pelo transporte rodoviário através dos caminhões.

O professor Boqueirão explora o Porto em diversos aspectos:

trabalho a questão comercial, a balança comercial, a questão da importação e da exportação, das redes de transporte do Brasil que se adaptaram em função do porto, da transformação da paisagem e do comércio.

Ele afirma ainda que, com o nono ano não trabalha muito o Porto de Santos e pensa que deveria trabalhar mais.

A professora Estuário diferente do que vimos até aqui diz não ter tralhado Porto de Santos ainda. Com isso percebemos que ela não cumpre este conteúdo do currículo da rede municipal de ensino de Santos.

Com experiência no âmbito profissional, por ter trabalhado vinte e um anos na área portuária, a professora Embaré adora falar sobre o Porto de Santos e alega ser fácil tratar deste assunto em sala de aula. Segundo ela:

Eu falo para eles das categorias trabalhistas, quem trabalha a bordo, quem trabalha em terra, o que tem que estudar. Porque sempre tem pai estivador, pai doquista, a questão do EPI¹¹, falo sobre a privatização do porto, uma roda de conversa. Depois converso se o porto de Santos está no lugar certo pois eu discordo da posição do porto por causa do impacto ambiental, temos muito para falar do porto. Tem o turismo as economias, os setores primário e secundário. Eles amam estudar o porto, adoram. Conto também que quando você entra no navio você está no país daquele navio, eles se apaixonam, quem manda no navio é o comandante. O porto tem uma infinidade de assuntos para explorar. E agora eu abordo também a questão da invasão do mar na Ponta da Praia, eles dragam a sedimentação e o mar invade. Eu trabalho econômica, social e ambientalmente o porto de Santos. Até do preconceito por conta da profissão estivador.

¹¹ EPI (Equipamento de Proteção Individual)

Com isso, concluímos que somente a professora Embaré destacou o porto para o turismo.

A história da cidade de Santos merece ser ensinada pela potencialidade turística. No Brasil, algumas pesquisas levam as teorias do turismo como recurso didático para o ensino de Geografia. Nossa proposta é promover no produto desta dissertação a relação do porto, pelo viés dos cruzeiros turísticos e as categorias de região e lugar. Geralmente, o porto é estudado na sala de aula, em virtude das características de importação e exportação que estão intrínsecas ao seu desenvolvimento. Nossa proposta é levar o aluno a perceber que o turismo além da recreação também colabora para a economia nas três escalas de abordagem: local, regional e global.

5. Considerações Finais

O percurso deste trabalho foi cheio de percalços, dúvidas e inquietações.

O problema para o qual buscamos respostas referiu-se a quais métodos e técnicas o professor de geografia da rede municipal de Santos disponibiliza para ensinar as categorias geográficas de região e lugar? Esta pergunta foi ratificada na entrevista pelo grupo focal. Todos os professores envolvidos como sujeitos desta pesquisa têm desafios para ensinar as categorias geográficas região e lugar. Vários destacaram que é uma das categorias que os alunos possuem mais dificuldade em compreender, além de outros problemas referentes ao material fornecido pela rede municipal de ensino evidenciando uma de nossas hipóteses, ou seja, a necessidade da introdução de materiais de apoio ao conteúdo trabalhado em sala de aula.

Isso nos proporcionou reflexões e no final do roteiro percebemos que todos acham válido que a rede de formação docente da Secretaria de Educação de Santos forneça um material direcionado para discutir a questão regional e local usando o porto como referência. No entanto, uma professora tem o receio que este material seja elaborado com interesses políticos e a falta de preocupação ambiental. As transcrições dos professores também apontam a falta de mapas temáticos nos livros didáticos e mapas com assuntos municipais para serem utilizados nas aulas de Geografia.

Quanto ao planejamento e orientação recebida pela rede os professores comentaram que há uma falta de relação entre o que se pede no currículo e o que é oferecido como material didático, especialmente nos livros, que têm uma abordagem que foge à escala local.

Sobre o uso de recursos é importante destacar a Estudioteca, ambiente planejado em algumas unidades escolares e que serve para inovar as aulas seja tanto pelo uso de tecnologia quanto nas metodologias. Dentre os recursos mais comentados estão: a poesia, a música, a sala virtual do google, Google Classroom. A maioria indicou diversificar as metodologias nas aulas.

Quanto à dificuldade em ensinar sobre as categorias geográficas dos seis participantes, apenas uma professora indicou que a região é uma categoria que o aluno apresenta algumas limitações conceituais para compreendê-la.

Mesmo com a transposição didática feita com base em autores como Milton Santos o fato da escola não permitir a saída de campo, colabora para que os alunos não compreendam o conceito conforme as metodologias e técnicas aplicadas. Daí podemos perceber que a relação região e lugar precisa ser discutida na sala de aula. Para compreender a região, a técnica da saída de campo, com enfoque no lugar, segundo a resposta desta docente, pode ser uma forma de compreensão da escala regional. Ainda sobre esta pergunta, algumas temáticas foram recorrentes e a cartografia lidera as respostas. Isto vale como um indicador de assuntos que a rede precisa investir na formação de professores.

Os recursos necessários para uma aula sobre região foram associados pelos professores com o uso de mapas regionais. E, neste contexto, a maioria apontou a falta destes mapas tanto nos livros didáticos quanto em materiais fornecidos na rede de ensino santista. A maioria também associou que saídas de campo são fundamentais para a compreensão da rede de conhecimento e aspectos geográficos que envolvem esta categoria.

Sobre os conceitos que envolvem a região metropolitana da Baixada Santista os professores apontaram que a maioria dos alunos não se reconhece morador de uma região metropolitana. O conceito espacial e escalar precisa ser discutido na sala de aula utilizando recursos como mapas e atlas locais e regionais.

Quanto às metodologias e técnicas utilizadas para o ensino do porto cinco professores discutem os aspectos da Geografia Econômica com os alunos. Apenas uma professora relaciona com a atividade turística.

Por este motivo, desenvolvemos uma sequência didática como produto desta pesquisa. Criamos uma sequência com mapas, notícias de jornais locais e atividades para que os alunos associem as escalas regional e local e o turismo no porto de Santos.

Esperamos que esta pesquisa desperte nos professores da rede santista a continuidade de investigação sobre as metodologias que envolvem o uso das categorias geográficas. E, que o produto desenvolvido seja aplicado nas salas do ensino fundamental II despertando a curiosidade sobre a importância da geografia do turismo e a relação com o porto de Santos.

|

6. PRODUTO ELABORADO A PARTIR DA PESQUISA

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS MESTRADO
PROFISSIONAL PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

TATIANA ESTEVES CASTRO GUERRA

ORIENTADORA: PROFA. DRA. RENATA BARROCAS

**MODELO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA: CONCEITO DE REGIÃO E LUGAR –
A REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA E O PORTO DE
SANTOS (TERMINAL DE PASSAGEIROS – CONCAIS)**

SANTOS

2019

Produto:**Modelo de Sequência Didática: Conceito De Região E Lugar – A Região Metropolitana Da Baixada Santista E O Porto De Santos (Terminal De Passageiros – Concais)****6.1 Introdução**

O desafio que o professor encontra ao planejar suas aulas de Geografia é que o aluno alcance o conhecimento de acordo com o objetivo proposto. As aulas devem ser dinâmicas e bem estruturadas para tratarmos o assunto região e lugar (porto de Santos – terminal Concais). O produto é uma sequência didática que terá como conclusão a visita ao terminal de passageiros marítimo de Santos.

Para Cavalcanti (2016):

A Geografia defronta-se, assim, com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo. O avanço das técnicas, a maior e mais acelerada circulação de mercadorias, homens e ideias distanciam os homens do tempo da natureza e provocam um certo “encolhimento” do espaço de relação entre eles. Na sociedade moderna, baseada em princípios de circulação e racionalidade, há um domínio do tempo e do espaço, mecanizados e padronizados, que se tornou fonte de poder material e social numa sociedade que se constitui à base do industrialismo e do capitalismo. (CAVALCANTI, 2016, p. 16)

A sondagem é necessária para fazer um planejamento adequado e com isso ter êxito ao conceituar região. Para Vieira (2013, p. 23) o conceito de região tem sido utilizado por todos os campos do conhecimento, mas as discussões mais acirradas em torno de uma sistematização desse conceito têm ficado por conta da Geografia, já que constitui uma categoria analítica dessa ciência.

Cavalcanti (2010) defende que:

A aprendizagem é buscada pela repetição do conteúdo nas atividades em classe ou em casa. Sendo assim, vale o alerta de que a orientação de tomar o lugar do aluno como referência não deve ser apenas uma estratégia de mobilização para iniciar os estudos, a ser em seguida deixada de lado para retornar ao tratamento padrão do conteúdo; ao contrário, a referência ao lugar deve ser uma constante na busca de sentido dos

conteúdos escolares. (CAVALCANTI, 2010, p. 6)

A sequência didática para este produto deverá conter objetivo, conteúdo pretendido, atividades e avaliação.

6.2 A sondagem

A sondagem se faz necessária para que seja identificado o conhecimento prévio dos alunos e com isso planejar o conteúdo das aulas deste modelo de sequência.

O professor deverá construir com a turma um mapa mental ou uma ficha de estudos com os conceitos geográficos: região e lugar. Com isso analisar o conhecimento empírico dos alunos sobre estes conceitos e através daí construir a aprendizagem pretendida.

Para fazer o mapa mental é necessário construir e perceber o ambiente trabalhado. A percepção e a cognição espacial para produção de um mapeamento cognitivo.

6.3 Sobre a percepção dos alunos a respeito do ensino de Geografia

A prática cotidiana, principalmente de crianças e adolescentes de classes sociais mais baixas, geralmente com pouca experiência e pouco conhecimento de lugares diferentes até mesmo dentro de sua cidade, o que lhes dá um restrito horizonte geográfico, é composta de uma espacialidade imediata muito restrita e de uma requisição baixa de reflexão (o meio não é muito estimulador). O mundo fora da prática imediata é geralmente mostrado apenas pela televisão, e nela os lugares do mundo são espetáculos “à parte”, vistos como fora de suas vidas. Sendo assim, os conteúdos de Geografia trabalhados na sala de aula ficam muito distantes do campo de visão e de preocupação dos alunos. Nesse sentido, é compreensível o depoimento de um dos alunos sobre por que considera difícil estudar Geografia: “Porque a gente nunca viu, uai! Por isso é que é difícil”. (CAVALCANTI, 2016, p. 131-132)

Há que se considerar, portanto, que o papel da Geografia na escola não é apenas ensinar conceitos, mapas e conteúdos geográficos, mas fazer com

que a Geografia torne-se o conhecimento para os alunos desenvolverem um modo de pensar e compreender o espaço geográfico.

O professor deve fazer com que o aluno compreenda o espaço e lugar onde mora além de construir um mapa mental de que o Porto de Santos ocupa dimensões que beiram duas margens do canal do estuário e as cidades de Santos e Guarujá. O acesso ao porto se dá pelo transporte ferroviário e rodoviário. A Serra do Mar liga o maior porto da América Latina ao resto do país através das rodovias Imigrantes e Anchieta, principalmente.

Para isso é necessário que se apresente ao professor de geografia uma metodologia para aplicar uma aula para o 8º ano sobre “O papel do Porto de Santos para o Brasil” com a finalidade de tornar o produto desta pesquisa de dissertação. Mesmo que para Silva e Silva (2016) “o ensino de Geografia nesse novo mundo globalizado exige do professor uma formação conectada com o mundo atual, pois podem acontecer contradições no ensino, em que o aluno pode estar muitas vezes mais preparado nesse novo mundo globalizado do que o próprio professor” utilizaremos notícias recentes e informações atuais com a finalidade de tornar o assunto “inédito” para o discente.

6.4 Sequência Didática

Zabala (1998, p.18) define sequência de atividades ou sequência

didática:

Um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos. (ZABALA, 1998, p. 18)

Batista, Oliveira e Rodrigues (2016) destacam que: é importante considerar, ao planejar uma sequência didática, as relações interativas entre professor/aluno, aluno/aluno e as influências dos conteúdos nessas relações, o papel do professor e o papel do aluno, a organização para os agrupamentos, a organização dos conteúdos, a organização do tempo e espaço, a organização dos recursos didáticos e avaliação.

Objetivos

- Estudar a importância do Porto de Santos, para identificar e analisar a influência deste para a economia local, regional e global;
- Reconhecer com os sétimos anos a interpretação das categorias geográficas região e lugar a partir das notícias e mapas vinculados ao Porto de Santos;
- Os alunos deverão compreender o contexto econômico, turístico e social que o Porto injeta em Santos e na Baixada Santista.

Tema e Conteúdos propostos

- Conceituar o lugar: município de Santos
- Conceituar a região: Região Metropolitana da Baixada Santista
- Conceituar o lugar: Porto de Santos (Concais)
- Mapa de Santos
- Mapa da Baixada Santista
- Mapa do Porto de Santos
- Imagens aéreas da Baixada Santista;
- Imagens aéreas do Porto de Santos
- Breve relato da história do Porto de Santos
- Terminal Marítimo (Concais)
- A transformação do espaço geográfico
- A identificação de lugar e de região
- A percepção que o Porto de Santos vai além da cidade de Santos

Anos

Turmas de oitavos anos do Ensino Fundamental 2.

Duração

Quinze aulas de quarenta e cinco minutos cada.

Desenvolvimento

1ª Aula

Problematização e levantamento de conhecimentos prévios.

Organizar os alunos em grupos com até cinco alunos para que possam esboçar o conhecimento que têm sobre a categoria lugar: município de Santos. Os alunos devem elencar os bairros da área insular da cidade, fazer em recortes de jornais ou revistas com imagens ou características destes bairros. Depois de quinze minutos o(a) professor(a) solicita que os grupos socializem o que conhecem e façam o registro em um cartaz, utilizando os recortes dos alunos.

2ª Aula

Apresentação da imagem aérea do município de Santos e do mapa dos bairros da área insular

Apresentar ao grupo a imagem de satélite da cidade de Santos (insular e continental) e o mapa dos bairros da área insular de Santos. Localizar e reconhecer no mapa o bairro onde mora.

Atividade individual:

1. Elencar:
 - a) Bairro onde mora:
 - b) Bairros vizinhos ao seu:
 - c) Bairros da orla da praia:

Material:

Figura 1: Santos Imagem de Satélite



Fonte: <https://egov.santos.sp.gov.br/santosmapeada/Planejamento/Bairro/MapaBairro/>

Figura 2: Mapa dos Bairros da Cidade de Santos



Fonte: <https://egov.santos.sp.gov.br/santosmapeada/Planejamento/Bairro/MapaBairro/>

1. Pesquisar em sites confiáveis sobre a cidade de Santos com a finalidade de responder as questões a seguir:
 - a) Cite os municípios que fazem limite com Santos
 - b) Identifique a importância do Porto de Santos para o município

5ª Aula

Elaboração de Cartaz

Nesta aula o(a) professor(a) montará com os alunos um cartaz com as respostas que os grupos conseguiram na aula anterior elencando e explicando as informações conquistadas.

Ao final da aula a turma terá contato com o mapa de limites da cidade de Santos no endereço:

https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/files/portal_files/anexo_i_perimetro_urbano.pdf

6ª Aula

Conceituar Região 1ª Parte

Nesta aula será feito um mapa mental do conceito região. Cabe ao(a) professor(a) montar o conceito de região através das perguntas e respostas dos alunos sobre essa categoria geográfica.

7ª Aula

Conceituar Região 2ª Parte

De acordo com a BNCC (2018, p. 368) o aprendizado não deve ficar restrito apenas aos lugares de vivência. Outros conceitos articuladores, como paisagem, região e território, vão se integrando e ampliando as escalas de análise. Ressalta-se que o conceito de região faz parte das situações geográficas que necessitam ser desenvolvidas para o entendimento da formação territorial brasileira. (BNCC, 2018, p. 382)

Neste momento o(a) professor(a) deve apresentar o texto sobre o conceito Região (anexo 1).

8ª Aula

Sondagem e conceitualização da Região Metropolitana da Baixada Santista

O(a) professor(a) deverá dividir a turma em grupos com no máximo cinco alunos, dará a eles dez minutos para que eles elenquem os municípios que fazem parte da Região Metropolitana da Baixada Santista.

No próximo momento o(a) professor(a) apresentará o mapa da Região Metropolitana da Baixada Santista (figura 4).

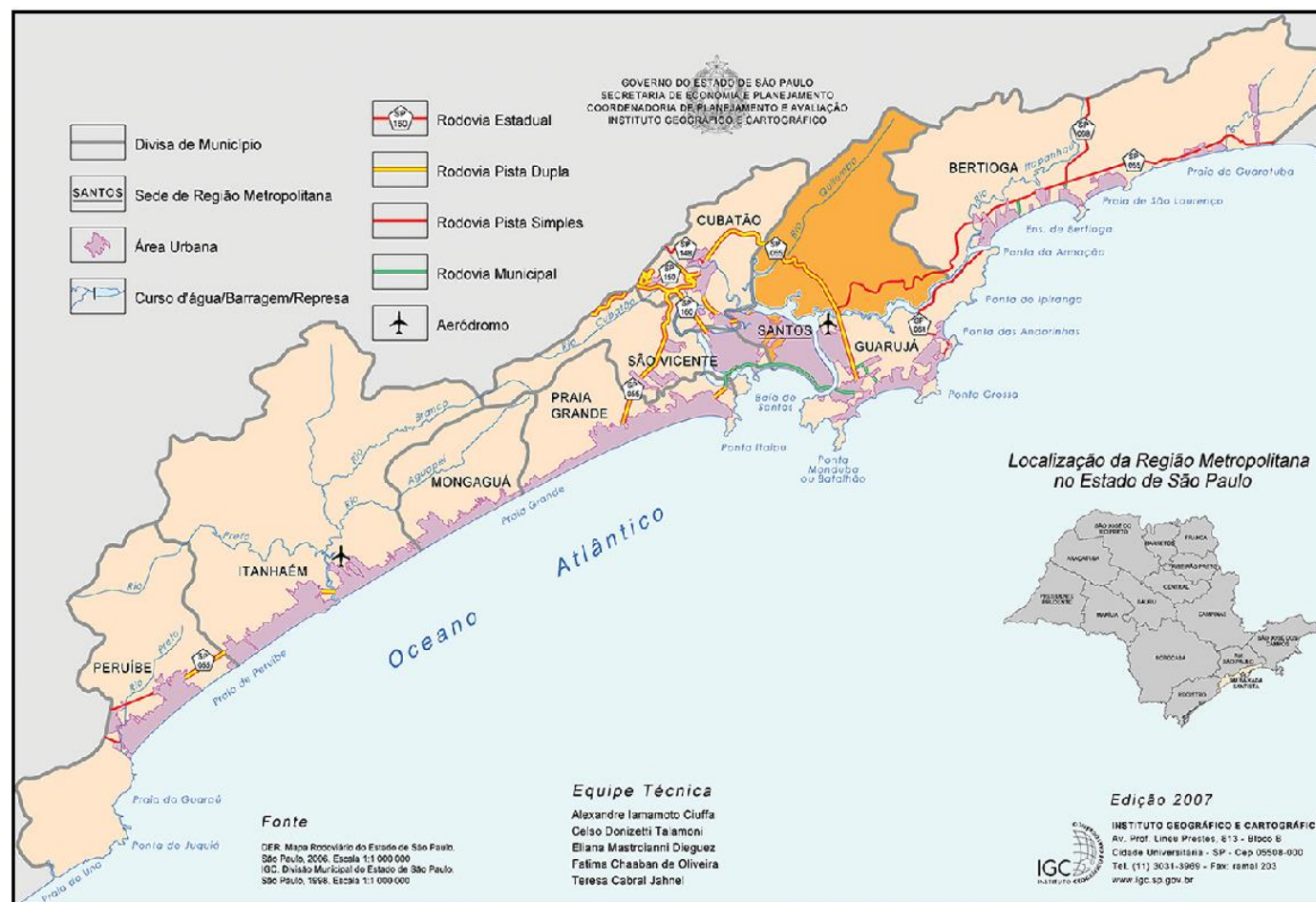


Figura 4: Região Metropolitana da Baixada Santista

Fonte: <http://www.sp-turismo.com/mapas/baixada-santista.htm>

9ª Aula

Exploração da página da Agência Metropolitana da Baixada Santista

Os alunos deverão ser organizados em duplas para explorar o site da Agência Metropolitana da Baixada Santista – AGEM - (<https://www.agem.sp.gov.br/>) para responder a atividade.

Atividade

1. Preencher a tabela abaixo com os dados encontrados na página da AGEM:

Ano base 2014	População	Área	Densidade Demográfica	Ranking no PIB estadual
Baixada Santista				
Bertioga				
Cubatão				
Guarujá				
Itanhaém				
Mongaguá				
Peruíbe				
Praia Grande				
Santos				
São Vicente				

2. De acordo com os dados coletados na tabela cite:
 - a) A maior cidade
 - b) O município mais populoso
 - c) A cidade mais povoada
 - d) O menor município
 - e) A cidade mais rica
3. Montar um painel com os dados coletados ilustrando com recortes de jornais, fotos e mapas.

10ª Aula

A importância do Porto de Santos

Com duração de quinze minutos, mais uma vez os alunos deverão ser organizados em duplas para que possam acessar o site da AGEM e na página de Santos entender a importância do Porto de Santos para a Região Metropolitana da Baixada Santista, para o estado de São Paulo, para o Brasil e para o mundo.

Atividade

1. De acordo com a pesquisa realizada cite, na ordem de importância, os responsáveis para que o município de Santos seja a maior economia da Baixada Santista.
2. Explique porque Santos é conhecido como município portuário.

Para conclusão desta aula o(a) professor (a) deverá solicitar que cada dupla apresente sua resposta para turma. E depois amarre e conclua o assunto importância do Porto e Santos.

11ª Aula

A importância do Terminal de Passageiro (Concais) para o turismo na cidade de Santos.

Nesta aula o (a) professor (a) deverá na primeira parte apresentar algumas notícias sobre a importância do Concais para o turismo em Santos.

1ª Parte

Apresentação de manchetes de notícias sobre o Concais.

Figura 5: Notícias divulgadas sobre Cruzeiros



Fonte: <https://www.tribuna.com.br/noticias/portoemar/navio-zaandam-abre-temporada-de-cruzeiros-em-santos-neste-domingo-1.75993>

Figura 6: Notícias divulgadas sobre Cruzeiros no jornal A Tribuna



Fonte: <https://www.tribuna.com.br/cidades/santos/temporada-de-cruzeiros-anima-o-com%C3%A9rcio-de-santos-1.76088>

Figura 7: Nova matéria divulgada sobre Cruzeiros

The image shows a screenshot of the website 'A TRIBUNA'. At the top, there is a search bar and navigation menu with categories like NOTÍCIAS, ESPORTES, SANTOS FC, VARIEDADES, OPINIÃO, TRI EVENTOS, and AO VIVO. Below the navigation is a banner for 'smartclip' with the text 'PUSH VIEW 100% VIEWABILITY' and 'SAIBA MAIS'. The main content area features a large headline: 'Terminal de Passageiros prevê 610 mil turistas até o fim da temporada de cruzeiros'. Below the headline, there is a sub-headline: 'Até o último domingo (10), mais de 350 mil turistas passaram pelo Porto de Santos. Expectativa do Concais é de que, até abril, passem mais 260 mil cruzeiristas'. The source is cited as 'Fonte: https://www.atribuna.com.br/noticias/portoemar/terminal-de-passageiros-prev%C3%AA-610-mil-turistas-at%C3%A9-o-fim-da-temporada-de-cruzeiros-1.13407'.

Fonte: [https://www.atribuna.com.br/noticias/portoemar/terminal-de-passageiros-
prev%C3%AA-610-mil-turistas-at%C3%A9-o-fim-da-temporada-de-cruzeiros-1.13407](https://www.atribuna.com.br/noticias/portoemar/terminal-de-passageiros-prev%C3%AA-610-mil-turistas-at%C3%A9-o-fim-da-temporada-de-cruzeiros-1.13407)

2ª Parte:

Neste momento o(a) professor(a) socializará um texto (anexo 3) que apresenta o Concais aos alunos do oitavo ano.

12ª Aula, 13ª Aula e 14ª Aula

A importância do Terminal de Passageiro (Concais) para o turismo na cidade de Santos.

Nestas três aulas o (a) professor(a) deverá organizar a turma em grupos com no máximo cinco alunos para que eles façam uma pesquisa virtual para realizar a atividade.

Atividade

1. Pesquisar em sites confiáveis sobre o turismo na cidade de Santos com a finalidade de responder as questões a seguir:
 - a) O que fazer na cidade de Santos?
 - b) Quais são os pontos turísticos de Santos?
 - c) Onde ir, onde ficar e onde comer no município de Santos?
 - d) Qual a importância do Porto de Santos para o turismo da cidade?

2. Cada grupo deverá montar um folder (prospecto desdobrável) sobre o que fazer como turista no município de Santos com a finalidade de entregar aos passageiros que encontrarem durante a visitação ao terminal de Passageiro Concais.

15ª Aula

Visita ao Terminal de Passageiro Concais

Os alunos irão conhecer o terminal de passageiros, perceber sua localização no município e no porto de Santos e entregar os folders produzidos em sala de aula.

6.5 Anexos

Anexo 1

Conceito de Região

A região, na linguagem do cotidiano, remete a localização, extensão e limites de certo fenômeno. Trata-se de um conjunto de área com o domínio de um determinado aspecto que o diferencia dos demais. Este conceito está inserido em um amplo número de pesquisas que contribuem para o desenvolvimento do pensamento geográfico. Entendemos que o conceito é pertinente para os estudos geográficos que tratam de diferenciação de área divisão do espaço, estudos comparativos, delimitação política do espaço, delimitação direcionada para o planejamento e estudos que abordem o desenvolvimento desigual nas diferentes escalas geográficas. (COSTA, Fabio Rodrigues. Geografia Correntes do Pensamento e Conceitos, Curitiba: CRV, 2017, p. 118).

Anexo 2

A Região Metropolitana da Baixada Santista

Criada em 1996, a Região Metropolitana da Baixada Santista é integrada por nove municípios: Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente. A região foi responsável por, aproximadamente, 3,15% do Produto Interno Bruto (PIB) paulista em 2016 e concentra 4,05% da população estadual, ou 1,85 milhão de habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018.

Caracteriza-se pela diversidade de funções de seus municípios. Além do parque industrial de Cubatão e do Complexo Portuário de Santos, desempenha funções de destaque em nível estadual, nos setores de Indústria e Turismo, e outras de abrangência regional, relativas aos comércios atacadista e varejista, ao atendimento à saúde, educação, transporte e sistema financeiro.

A RMBS tem presença marcante nas atividades de suporte ao comércio de exportação, originadas pela proximidade do complexo portuário. O Porto de Santos é o maior e mais importante da América do Sul. Para o Estado de São Paulo, o porto representa enorme avanço econômico, permitindo direcionamento de grande parcela de suas atividades industriais e agrícolas para o suprimento de mercados internacionais.

Fonte: Disponível em:< <https://emplasa.sp.gov.br/RMBS>> Acesso em 30 nov. 2019.

Anexo 3

O Terminal De Passageiro Marítimo - CONCAIS

Figura 8: Terminal de Passageiros Concais – Santos



Fonte: [https://s2.glbimg.com/Kowop85zaeflXaVrWDd2qYyn4us=/0x26:717x475/984x0/smart/filters:strip_ic\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2017/5/3/8cbIfAQoWcYmfRzgL1g/naviotemporada.jpg](https://s2.glbimg.com/Kowop85zaeflXaVrWDd2qYyn4us=/0x26:717x475/984x0/smart/filters:strip_ic()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2017/5/3/8cbIfAQoWcYmfRzgL1g/naviotemporada.jpg)

O Terminal Marítimo de Passageiros Giusfredo Santini – Concais –, inaugurado em 23 de novembro de 1998, é o maior e mais moderno da América Latina, com 41,9 mil m². A Concais S/A é uma empresa privada operadora e administradora do Terminal Marítimo de Passageiros Giusfredo Santini. A Concais venceu concorrência pública realizada pela Codesp – Companhia Docas do Estado de São Paulo, empresa do Governo Federal que atua como Autoridade Portuária de Santos. A renovação vai até 2038. Quando o Terminal Marítimo de Passageiros Giusfredo Santini – Concais surgiu, o Porto de Santos passou a ter uma visibilidade inédita para a comunidade santista e regional. O empreendimento no Cais do Armazém 25 fez as pessoas olharem aquele trecho

portuário não apenas como uma plataforma de serviços para atender transatlânticos, mas também como um complexo com imenso potencial turístico, que se confirmou e se consolidou. Foi o marco da integração Porto-Cidade. Neste período, a comunidade do ciclo de desenvolvimento sente e acompanha os reflexos dos cruzeiros marítimos na economia local – geração de empregos, expansão das empresas fornecedoras e de prestação de serviços aos navios de passageiros e o surgimento de novos e promissores negócios. É por isso que o Concais se orgulha de fazer parte deste novo ciclo de desenvolvimento e da "Integração Porto-Cidade".

Figura 9: Terminal de Passageiros



Fonte: <https://www.concais.com/static/assets/dist/images/instalacoes/area-externa/6.jpg>

A movimentação dos transatlânticos virou atração turística, chamando a atenção para a importância da atividade, e o Concais é hoje um cartão-postal de Santos e, pela contribuição significativa na indústria do turismo no País, por ser o Porto que mais embarca e desembarca passageiros, tornou-se também referência nacional.

Localização privilegiada

Um dos pontos fortes do Concais é a excelente localização, em termos geográficos e econômicos. Este é um dos fatores que faz com que operadoras de cruzeiros marítimos definam Santos como o maior porto de embarque e desembarque dos passageiros de navio.

A privilegiada localização do Terminal possibilita o fácil e rápido deslocamento de passageiros e tripulantes aos aeroportos internacionais de Congonhas e de Cumbica.

A Concais está a 80 quilômetros de São Paulo, que é o principal centro financeiro do País e é a quinta maior cidade do mundo. Além disso, o Estado de São Paulo representa um terço do PIB brasileiro.

O Porto de Santos também oferece aos armadores toda a infraestrutura para atender às necessidades de abastecimento e reparo naval dos transatlânticos que escolhem a cidade como ponto de partida e término das viagens ou como passagem.

Fonte: Disponível em <<https://www.concais.com/>> Acesso em 30 de nov. de 2019.

6.6 Referências

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 2016.

_____. Terminal Rodoviário Concais. Disponível em <https://www.concais.com/>
Acesso em 30 de nov. de 2019.

COSTA, Fabio Rodrigues. **Geografia Correntes do Pensamento e Conceitos**, Curitiba: CRV, 2017.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conceito de região e o ensino de geografia: desencontros entre o saber escolar e o saber acadêmico**. Revista Formação, n.20, volume 1, Ano 2013 – p. 21-37.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

7. Referências

ANTUNES, Celso. **A geografia e as inteligências múltiplas na sala de aula**. Campinas: Papirus, 2018.

ANTUNES, Charles da França; FILHO, Manoel Martins de Santana (Org.). **Ensino de Geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro, Consequência, 2015.

BORGES, Camila Delatorre; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites**. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 74-80, jun. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100010&lng=pt&nrm=iso. acesso em 15 jun. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 2017.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia no ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CAMPOS, Laís Rodrigues; RICHTER, Denis. **Cartografia escolar**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **A Formação Continuada mediada pelas pesquisas acadêmicas**. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charles da França; FILHO, Manoel Martins de Santana (Org.). **Ensino de Geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro, Consequência, 2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Rita de Cássia Marques; MOREIRA, Cileya de Fátima Neves.

Fundamentos metodológicos e prática do Ensino de Geografia. Sobral: INTA, 2016.

COUTO, Marcos Antônio Campos. **Ensinar Geografia na escola pública de hoje.** In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charlles da França; FILHO, Manoel Martins de Santana (Org.). **Ensino de Geografia: produção do espaço e processos formativos.** Rio de Janeiro, Consequência, 2015.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Liber Livro, 2005.

KEIDANN, Glaucia L. **Utilização de Mapas Mentais na Inclusão Digital.** Ijuí/RS: UFSM, 2013. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/educomsul/2013/com/gt3/7.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia: a noção de região no pensamento geográfico.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **Novos caminhos da geografia.** São Paulo: Contexto, 1999.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus Professor, Adeus Professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente.** 4ªed. São Paulo: Cortez, 2000.

LUCINDO, Nilzilene Imaculada. **Artigo: “Os Impasses E Desafios Dos Professores Da Eja: Um Estudo Da Modalidade Em Uma Escola Do Interior De Minas Gerais”.** Disponível em: <http://www.revistasdigitais.uniube.br/index.php/anais/article/view/684>. Acesso em 15/03/2017

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MANFIO, Vanessa; SEVERO, Melina Dornelles; e WOLLMANN, Cássio Arthur. **Educação e Geografia Escolar: os Dilemas, Desafios e o Papel do Professor na Construção do Conhecimento.** Revista Perspectiva Geográfica - Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 14, p. 63-73, jan.-jun., 2016

PINNA, Paula Priscila Gomes do Nascimento. **A relação entre o ensino e o uso do livro didático de geografia.** 104p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2009.

MENDES, Marlene Pereira Barros da Silva. **As metodologias de ensino de geografia e os problemas de aprendizagem: a questão da apatia.** Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

MENDES, Raquel A., SOUSA, Elaine S., e PEREIRA, Aires José. **A Importância Da Categoria Lugar No Ensino De Geografia: Um Estudo De Caso Na Escola Estadual Modelo Em Araguaína – To.** Revista Tocantinense de Geografia, Araguaína (TO), Ano 06, n. 11, set/dez. de 2017. Páginas da 153 até 169.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Os Geossistemas como Elemento de Integração na Síntese Geográfica e Fator de Promoção Interdisciplinar na Compreensão do ambiente**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 14, n. 19, p. 67-100, jan. 1996. ISSN 2178-4582. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23500/21167>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

MORAES, A. C. R. **Geografia, interdisciplinaridade e metodologia**. GEOUSP – Espaço e Tempo (Online), São Paulo, v. 18, n. 1, p. 9-39, 2014.

PEREIRA, Robson da Silva e CANO, Márcio Rogério de Oliveira. Coleção: **A reflexão e a prática no ensino Geografia**. São Paulo: Blucher, 2012

PESCUMA, Derna; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. **Projeto de Pesquisa. O que é? Como fazer?**. São Paulo, Olho d' água, 2013.

PESCUMA, Derna; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. **Referências Bibliográficas**. São Paulo, Olho d' água, 2013.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. **A medição do conhecimento: a importância de se pensar o trabalho docente de Geografia**. In: SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos; ANTUNES, Charles da França; FILHO, Manoel Martins de Santana (Org.). **Ensino de Geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro, Consequência, 2015.

SILVA, Josevaldo da. **O Ensino De Geografia E A Categoria Região: A Amazônia Através Da Percepção De Alunos De Ensino Médio De Escolas Estaduais Na Cidade De Manaus**. 2017, 79 fl. Dissertação (MESTRADO). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6208/5/Dissertação_Jevaldo%20Silva.pdf Acesso em 15 de agosto de 2019.

Site Novo Milênio. **Histórias e lendas de Santos**. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0334b.htm>>. Acesso em 01 de novembro de 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Difel, 1983.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conceito de região e o ensino de geografia: desencontros entre o saber escolar e o saber acadêmico**. Revista Formação, n.20, volume 1, Ano 2013 – p. 21-37.

8. Apêndice

Transcrição das narrativas, áudio dos professores entrevistados.

As perguntas:

1. porque escolheu o magistério e se sente motivado como professor e por que, serão descritas abaixo:

O professor Estuário diz: “eu não escolhi esta carreira eu saí da faculdade sem querer dar aula passei muitos anos sem ter vontade de dar aulas por tudo que tinha vivenciado dentro da minha casa com mãe professora amigas da mãe professoras então realmente eu não tinha interesse. Mas a catorze/quinze anos atrás, mais ou menos, eu fiz um concurso do estado, passei e a partir dali realmente começou vibrar em mim aquela vontade de ir para uma sala de aula de abandonar o que eu estava fazendo que não era na área pública e realmente quando entrei na educação e até hoje pelo menos eu não penso em sair eu gosto do que faço tem um aluno que faz com que você queira retornar a cada dia então isso realmente motiva. Está difícil acreditar na educação com tudo que a gente vivencia, com tudo que acontece, mas um ou outro aluno te traz esta esperança e a vontade de se manter na área. Em relação aos cursos enquanto trabalhava na empresa Telefônica eu não queria estudar mais quando eu saí de lá e vim para a educação aconteceu um processo completamente inverso veio uma pós, veio outra pós, veio o mestrado, vieram cursos diferentes. A educação acabou fazendo com que eu voltasse a ser uma estudante. Este ano eu dei uma pausa em relação aos cursos, mas a partir do ano que vem pretendo voltar a fazer cursos a estudar.

O professor Encruzilhada: trabalhava na iniciativa privada, trabalhei num banco e uma época trabalhei com turismo e no curso de turismo eu tive um professor José Benedito que na verdade depois eu descobri que não era professor de geografia era de filosofia mas me dava aula de geografia em turismo e eu tive uma relação muito boa com ele e foi aí que me despertou um pouco essa questão da geografia. Eu lembro que na época ele me orientou a fazer história pois não sabia se eu gostaria de geografia, mas enfim entrei na faculdade para fazer geografia. Depois fiz outros cursos como gestão ambiental, fiz pedagogia para tentar aprender a dar aula coisa que ainda não acredito que sei. E estou aí até hoje dando aula. A questão da motivação concordo com o que

Estuário disse é cada vez mais difícil se manter motivado, nós somos motivados, mas nos manter motivados é um pouco mais difícil por várias questões entre elas burocráticas e das secretarias. Mas tem alguma coisa e só quem é da área mesmo para poder explicar que é não saber bem o porquê que a gente acorda e vai trabalhar. Nós da geografia se vemos algo na rua ou no jornal queremos sempre compartilhar com os alunos. E quando olho para atrás tenho quase quinze anos nesta história. Os cursos que eu faço são alguns que a prefeitura oferece em formato a distância.

Professor Gonzaga: para eu chegar na fase de professor tenho que explicar como eu fui parar na geografia. Eu queria seguir o que o meu pai recomendou engenharia elétrica pois meu pai era eletrotécnico da PETROBRAS então eu tinha que ser uma etapa a mais do que ele foi então eu tinha que ser engenheiro elétrico. Eu não passei para a segunda fase da FUVEST por um ponto e pensei, mas eu não gosto disso. Mas do que eu gosto: geografia e biologia. Então pensei em fazer biologia tem mais campo de trabalho. Mas eu gostava mesmo de geografia principalmente na parte de geopolítica. Fiz geografia e teve um professor do cursinho que marcou muito a escolha do curso. Na universidade fiquei encantado pela climatologia e conhecer o professor José Adriano Conti foi marcante na parte de bacharel. Trabalhei em empresa com geoprocessamento, primeiro fui estagiário e participei do projeto de construir mapas. Então uma amiga minha da licenciatura me chamou pois não estava encontrando professor de geografia para lecionar no projeto EDUCAFRO de Osasco. Eu queria ajudar, mas não tinha a possibilidade de ser professor e só poderia abraçar o projeto se fosse no sábado pela manhã. Então como queria ajudar eu fui lecionar no projeto tinha dez alunos e funcionava dentro de uma escola estadual. Os alunos estavam ansiosos em ter aula de geografia pois não tinham tido no cursinho ainda. Comecei a aula falando do espaço sedimentar do território brasileiro e fluiu. Percebi que consegui dar aula. Gostei de dar aula nos sábados. Eu me senti útil. O projeto que eu trabalhava acabou. E em 2005 prestei concurso em três cidades da Baixada: Itanhaém, Santos e São Vicente. O primeiro que chamou foi Itanhaém e foi lá que eu aprendi a ser professor devido as situações que vivenciei, coisa que eu só via na televisão e fui viver lá. Depois fui chamado em Santos e no estado exonerando Itanhaém. Depois acabei acumulando outro cargo em Santos onde estou até hoje com dois registros de

professor na rede municipal de Santos. Tenho também um cargo na escola particular. Percebo que o retorno do aluno na escola pública é muito mais gratificante do que os alunos da escola particular. O aluno da escola pública dá chocolate para o professor, conta o que acontece em casa, faz desenhos para os professores, e isso me marca. Os cursos que eu faço tem o de especialização em meio ambiente e de atualização que o sistema Anglo oferece em educação a distância, estes não são específicos em geografia.

Professora Macuco eu fiz magistério e me apaixonei pelo magistério, amei demais. Tinha as áreas separadas, humanas, biológicas. E como tive professores ótimos no magistério resolvi fazer geografia na Unisantos. E eu comecei trabalhando em uma escola pequena e em 1992, com 23 anos fui trabalhar no ensino médio do colégio Objetivo. Os alunos do ensino médio não me viam como professora e me chamavam para sair. Então eu resolvi estudar muito para provar que eu não tinha um rostinho bonito e sim que era uma professora capaz. Fiquei doze anos nesta escola. Eu dei aula dois anos na CEFET de Cubatão ali descobri o que é ser professora. Em 2005 entrei na rede municipal de Santos e também na escola particular. Fiz pós-graduação na Unesp e não concluí pois não conseguia escrever. Eu me vejo em alguns alunos pois eu gosto muito de estudar. Fiz cursos a distância pela prefeitura sobre tecnologia, geografia, história, gestão escolar e agora o mestrado.

Professora Embaré: Não iniciei minha carreira na educação por conta familiar. Nós somos cinco irmãs bem diferentes e tanto meu tio que era engenheiro na CODESP como minha mãe e meu pai, eles não acreditavam que eu tinha perfil para ser professora. Eles me achavam muito quieta, que eu falava muito baixo e onde me colocavam eu ficava. Com isso achavam que professor tinha que ter dinamismo em sala de aula, tinha que ter autoridade e eu era muito passiva. Estudei na escola municipal Olavo Bilac, em Santos, que era militar e eu sempre quis ser professora, mas fui estudar eletrotécnica na escola técnica Aristóteles Ferreira, em Santos, depois fiz eletrônica. Comecei a trabalhar na montagem de computador, abri uma loja só para montar e fazer manutenção em computadores. Mas na verdade eu estava sempre ensinando como ler uma placa mãe, como limpar um barramento, então era o que eu gostava de fazer. Depois que eu tive meu filho percebi que os pais impõem e poda a pessoa. Só fui entender toda a minha formação quando entrei na pedagogia na UNIMES pois

quando estudei no Olavo Bilac na oitava série eu tinha uma matéria chamada educação para o trabalho quem dava era o professor Ledo Barreira formado em contabilidade muito velhinho e ele o máximo de professor ele se sentia como nós alunos na época da ditadura onde os alunos tinham que se levantar quando o professor entrava em sala de aula. Ele era muito exigente e falava baixo. Em novembro ele me entregou um documento que era uma bolsa de estudo integral no colégio Coelho Neto. No primeiro ano estava dando aula de matemática financeira como professora júnior, todos alunos que tinham dificuldade iam no contraturno ter aula de reforço comigo, eles me pagavam. Depois este mesmo professor me indicou na Ultragaz e fui trabalhar lá na parte de contabilidade. Uma nova experiência, pois, tinha que trabalhar com horário planilhado. Fiquei 21 trabalhando nisso. Quando cheguei na pedagogia a professora Maria Luiza pediu para que nos apresentássemos eram 21 mulheres. Aí pensei como vou me apresentar, formada em eletrotécnica, em contabilidade, vão pensar que era louca e não sabia o que fazer, uma mulher sem direção ia pensar. A professora disse que não tínhamos que ter vergonha da nossa história. E na faculdade comecei fazer os trabalhos com mais estrutura pois tinha habilidade na informática que muitos colegas não sabiam e até hoje não têm então comecei a ajudar. Hoje eu penso assim pedagogia para mim foi uma caminha que me ajudou a ler um livro de geografia, uma resenha, fazer um resumo adequado, me ensinou a professora Maria Heloisa, que era uma profissional muito simples e enorme, ela iluminava a sala, para estudar você leva sua água, seu estojo, não perca o foco, fique ali, tudo o que você precisar tem que estar à mão. Com isso ela me ensinou a me organizar e eu agradeço ela para sempre. Eu não iria fazer geografia porque eu não tive professores de geografia que foram bons exemplos. Uma das minhas professoras de geografia entrava na sala, colocava na lousa eu copiava, o mapa tinha que ser com régua, tudo muito detalhado e eu não gostava. Quando terminei a pedagogia a UNIMES oferecia bolsa de 50% para um outro curso de licenciatura então pensei em fazer física porque eu adoro números. Porém quando estava na secretaria fazendo minha matrícula chegou a professora da pedagogia, Maria José, que falou que não formaria sala para o curso de física, que eu teria a cara da geografia assim fiz matrícula para geografia. Tive aula com professores maravilhosos o curso começou com 23 alunos e formou 7 alunos, tínhamos aula particular. Enquanto fazia a faculdade

de geografia já trabalhava com professora alfabetizadora muitos anos na Praia Grande. A faculdade de geografia me enriqueceu além disso criei um vínculo com os colegas e até hoje é assim com os colegas de área. É diferente com os outros cargos que tive. Quando me formei achei que não estava preparada para dar aula de geografia. O professor Clésio que foi meu professor na faculdade me indicou o curso de petrologia na faculdade de Santo André, fiz cursos específicos em cartografia na UNESP, para agregar. Muitos falam que o curso é raso, mas cabe a você correr atrás de especialização. Eu nunca estou satisfeita com meu estudo. Sempre acho que estudei pouco. Eu aprendo todo o dia na sala de aula tive a experiência de dar aula em escola particular. Para manter a minha motivação não é só o aluno, em primeiro lugar sou eu que tenho que estar bem para não transpor para meu aluno nenhum problema pessoal, vejo que a equipe cumpre um papel mas não exerce seu compete, com isso professor acaba acumulando outros cargos de gestor, inspetor, entre outros, e isso nos desgasta, esta falta de apoio, ainda não vejo uma solução para isso, penso que os gestores só pensam na gratificação e esquecem ser. Eu sou mega feliz como professora não mudaria de profissão jamais. Todo o conhecimento eu agradeço. No ano passado eu fiz parte de um departamento da prefeitura para dar curso para professores de geografia e foi a primeira vez que tive contato com professores de geografia este era um momento que a gente estudava e me agregou muito. Eu agradeço muito por este momento que me oportunizou também estudar um currículo paulista mesmo antes dele ser implantado. Eu fiz mestrado e ainda estudo pois faço doutorado em Rosário, na Argentina.

Professora Pompéia vim de uma família de professores que amavam a profissão. Meu pai era um professor excelente amado professor de história e quando eu decidi ser professora eu tive apoio dele e minha mãe não muito. Eu achava que fosse fazer história porque era encantada por uma professora de história, depois uma tia e meu pai, excelentes professores então eu era encantada com história. Mas quando eu prestei o vestibular meu pai disse para mim eu sonhava em fazer geografia, mas não tive oportunidade e você é a cara da geografia. Coloquei geografia como primeira opção e história em segunda. E quando fiz geografia e me apaixonei. Ao contrário de todos os colegas de sala eu era a única que falava que seria professora os demais não queriam. Tive professores encantadores. Quando estava no segundo ano da faculdade

comecei a dar aula em escola particular, num supletivo e eu como professora era a mais nova da sala, porém fui muito bem acolhida pelos alunos, bem diferente do que é o EJA hoje. Eu sempre achei que deveria trabalhar em escola pública porque eu estudei em escola pública. Fiz concurso e passei. Fiz mestrado na UNESP na área de geotecnologia, mas acabei desistindo. Há dez anos moro em Santos. Resolvi ficar só na escola pública. Fiz mestrado, fiz pedagogia, fiz psicopedagogia. O que surgir para formação e que eleve. Mas de todas elas voltadas para educação. Estou no final de carreira na escola estadual falta um ano para eu me aposentar. Eu não aposentei ainda pois quando minhas filhas nasceram eu parei de trabalhar por quatro anos. Me encontro desestimulada eu já estou na fase de sentir tanta gente que não faz o seu papel, tanta gente incompetente, que não se preocupa em se comprometer com o papel de educador da escola e aí sobra muita coisa para quem não tem estes papéis. Por isso me sinto desestimulada.

Professor Boqueirão comecei a lecionar por estímulo da minha família venho na terceira geração de professores. Meu avô era professor de geografia e meu pai também. Eu me mantenho motivado lembrando da experiência da minha família e a lembrança da minha família é o principal fator motivador. Existem vários, mas este é o principal. O último curso que eu fiz foi saberes metodológicos na prática da docência pelo NUED, a distância. Ser professor me faz me sentir útil.

7. A rede na qual trabalha oferece cursos?

Professora Pompéia: Na rede santos eu nunca fiz cursos porque sou bem nova, apesar de toda experiência eu sou a mais nova da rede deste grupo, eu tenho só três anos, eu estou terminando o período probatório, nunca fui convocada, nem quando estava substituindo, nunca fui convocada para ir em nenhum curso.

Professor Encruzilhada: Sim, oferece sim, podemos discutir a qualidade e a frequência que estes cursos são oferecidos. Nós tivemos um em geografia. Este ano não teve. Nós tivemos ano passado uma formação com a professora Embaré para professores de geografia da EJA.

Professora Macuco: Fiz um curso das muretas de Santos on-line no primeiro semestre de 2018. Mas de geografia nunca tem.

Professor Gonzaga: Não teve nenhum este ano.

Professor Boqueirão: para os professores de geografia da rede não foi oferecido nenhum.

Professora Embaré: este ano teve uma das obras de Benedito Calixto que coincidiu com a minha dissertação.

8. Encontra dificuldade para desenvolver o planejamento na sua escola?

Professora Pompéia: Tenho por causa do tempo, hoje já menos porque eu vou filtrando pela experiência, mas eu acho que o que se planeja e o tempo real são coisas diferentes.

Professor Encruzilhada: Mil por cento, eles me oferecem um livro didático péssimo “Expedições Geográficas” do Melhem Adas, não dialoga com o nosso currículo pois o nosso currículo fala da questão regional e de porto, no entanto o material que a prefeitura fornece não atende os alunos de fundamental 2. Mas o livro não tem conexão nenhuma com o conteúdo proposto pela rede. Percebo que ao longo dos anos eles perdem a noção das espacialidades.

Professora Embaré: Sim. Os nossos alunos têm chegado sem saber o que é esquerda, o que é direita, o que é dentro e o que é fora. Então eu penso que não é que não foi ensinado, é que o nosso público tem memória muito curta, tudo deles é tecnológico, eles não acomodam o conhecimento, eles não têm uma família que lê, uma família letrada, então tudo contribui. Então nós temos dois problemas, o material didático é ruim e o nosso público.

Professor Gonzaga: eu aprendi na universidade que todo bom material de história na verdade é de geografia. Desde que eu entrei aqui na rede não vi nenhum livro que fosse compatível com o público, porque eles são conteudistas, e de uma linguagem muito complexa para os alunos, o que eles têm de interessante para utilizarmos para o conteúdo do currículo da rede são aqueles textos complementares, as páginas coloridas, eles têm questionamentos que fazem de reflexão. O livro tem que ser mais versátil, que você consiga trabalhar. Em relação ao conteúdo de Santos nós professores conseguimos, mesmo sem material de apoio para isso, nos virar e trabalhar o assunto correndo atrás. Apesar de ninguém cobrar se estamos fazendo ou não isso. É uma opção nossa trabalhar este assunto.

Professor Boqueirão: uma das necessidades que eu vejo para trabalhar e ter mais material. Agora estamos montando uma plataforma digital para que o professor tenha o recurso e o material adequado para os professores. Haverá um material regional com base na BNCC. O material da plataforma Moodle é criar material de apoio para o professor, principalmente material regional, mas a ideia é que o aluno também tenha acesso. Tem um documentário das nascentes dos rios da região que será disponibilizado para o professor na plataforma.

Professora Estuário: sinto dificuldade pois a gente encontra uma parte das atividades mas muita coisa você não tem, e quando você busca informações mais próximas, mais dentro daquilo que você precisa para trabalhar, não encontramos com muita facilidade, na escola que eu trabalho o material oferecido é o livro mas não tem para todos, não temos recursos tecnológicos, a equipe gestora se mata também, enfim, a escola toda lutando contra maré, é tudo muito difícil. Então não temos recursos, não temos o apoio que gostaríamos, não tem o interesse que gostaríamos, você prepara em casa e na escola não sai exatamente como você planejou, a gente vai tentando.

Professora Macuco: em 2018 com os sétimos anos tínhamos que trabalhar a cidade de Santos com este livro didático que não tem nada para encaixar neste assunto e temos alunos que não tem base nenhuma nem que Santos é uma ilha, eles não sabem nada de Santos, então a gente tinha que trabalhar e eles não sabiam nem os pontos cardeais. Alguma coisa dá para trabalhar com o livro pois temos que ter jogo de cintura. Primeiro comecei a descobrir o que eles sabiam e quais eram as carências de geografia dos alunos, então trabalhei com eles pontos cardeais, localização. Eu não posso trabalhar a cidade de Santos, a região da Baixada Santista se eles não têm esta vivência, tive que trabalhar coisas que eles deveriam ter visto no fundamental 1.

9. Recebe orientação pedagógica relativa ao planejamento?

Professora Pompéia: Não, nunca. Em nenhuma rede que trabalhei, nem estado, nem particular. Não mentira, eu trabalhei em uma escola particular no interior que a coordenadora era extremamente comprometida e tudo que a gente pedia ela estudava e voltava com a resposta, com informações, esta foi a única vez que tive isso.

Professor Encruzilhada: Nenhuma, por parte da equipe gestora não. Na escola eu tenho a sorte de ter colegas da área que sempre trocamos ideias.

Professor Gonzaga: não temos orientação formal, temos o coleguismo, o que deveria ter uma equipe destinada a confecção de um material de apoio, a partir disso essa equipe dialogaria com os professores para trocar experiências e acrescentar alguns elementos, trocar ideias e assim enriquecer este material. Senão será sempre um quebra galho entre os colegas de área. Deveríamos ter material para entregar aos alunos, aí sim poderíamos falar a prefeitura de Santos ela atende perfeitamente as exigências do currículo.

Professora Embaré: a equipe gestora não sabe nem o que a gente está dando. Eu percebo que falam uma coisa e na prática é outra. Percebemos que o currículo santista vai se adaptar ao currículo paulista que é adaptado da BNCC e este é interdisciplinar. Se é tudo interdisciplinar porque só temos formação para professores de língua portuguesa e matemática. Nossa disciplina não tem importância. Há preferência para os recursos na escola para as aulas de língua portuguesa e matemática. Até as provas institucionais são de língua portuguesa e matemática. Sendo que se você pegar um SAEB tem questões de geografia. Na geografia tem muita matemática, o aluno tem que saber montar uma tabela, ler um gráfico.

Professor Boqueirão: gostaria que os alunos soubessem interpretar os textos do livro didático.

10. Você utiliza quais recursos para dar suas aulas?

Professora Pompéia: Eu ainda sou do giz e lousa. Mas gosto do vídeo, se eu tenho acesso a lousa digital eu uso, eu gosto de slides, e gosto muito de texto não escolarizado, textos extras, poemas, música, outras linguagens pois fazem uma relação que eles sentem que estes textos também têm geografia.

Professora Estuário: material impresso que levo de casa, a voz.

Professor Boqueirão: estudioteca uso o recurso de vídeo, internet, projetor e biblioteca, uma vez por mês ou a cada quinze dias.

Professora Embaré: eu uso muito jornal, eu gosto muito de jornal, de matéria de jornal, eu acho que o livro didático é difícil mas eu uso as imagens para eles, eu contextualizo e sempre uso o vídeo ou para amarrar o início ou o final do planejamento, vídeos curtos, ou vídeo só de imagens, e bastante jornal da região.

Professor Encruzilhada: este ano diversifiquei muito os exercícios, a sala virtual do google, Google Classroom, traduzido é Google Sala de Aula, então eu fazia atividades assim com um determinado tema, tinha o vídeo, reportagem de jornal e eles acessam e nessa mesma plataforma eles fazem a atividade, eu corrijo e eles tem acesso a correção. Usei esta ferramenta no aplicativo no celular que eu liberava para usar em sala de aula quem não tinha no celular podia fazer no notebook em casa, enfim eles se viravam. Muitas vezes eu reservava a estudioteca para eles fazerem lá. Aí um ajudava o outro. Um recurso que usei bastante pela facilidade de colocar lá vídeos e tudo centralizado ali. Como recursos utilizei a estudioteca para fazer pesquisas através dos tablets, usei jornal, o Youtube, e estudo do meio.

Professora Macuco: textos impressos.

11. A sua escola oferece esses recursos ou você que os disponibiliza?

Professora Pompéia: Agora sim, reformou, o que não tem disponível é xerox para os textos. Mas tem sala de multimídia funcionando, já utilizei algumas vezes este ano, mas não tem laboratório de informática e computador para todos os alunos. A internet funciona na sala de multimídia e na biblioteca e os alunos têm acesso nestes espaços. Quando a escola não oferece os recursos que eu planejo eu os disponibilizo, o que eu acho que não deveria fazer, porque se não tem giz a gente compra giz, você sempre compra o material acho que isso deixa a escola muito confortável em todos os níveis, particular ou pública. Acho que tínhamos que disponibilizar menos deste material, mas quando solicito demora e então acabo fazendo do meu jeito e comprando o que preciso.

12. Qual categoria geográfica é mais difícil trabalhar em sala de aula?

Professora Pompéia: Por incrível que pareça e eu já falei duzentas vezes e eu tenho aluno de todos os níveis, o mais difícil é que eles entendam o conceito da cidade, da região, do estado e do país, e as esferas de poder nestes âmbitos também, é muito difícil, e isto é tralhado desde o fundamental 1 e eu não consigo entender porque é o mais difícil. Depois que eles entendem isso o resto vem. Região é uma categoria difícil para entender. Eu acho muito difícil inclusive para trabalhar mesmo usando as definições que temos da USP, do Milton Santos, a gente adapta, mesmo assim. Antes era possível caminhar em volta da escola isso ajudava mais porém agora as escolas públicas não se faz

mais para sair da escola é tão burocrático que nem vale a pena. Fazia esta tarefa de observação e agora eles fazem sozinhos.

Professor Encruzilhada: escala, quando eu vejo no livro eu penso vou tirar uma licença.

Professora Macuco: escala é uma dificuldade minha

Professor Gonzaga: cartografia e escala

Professora Embaré: trabalhar noção de espaço.

Professor Boqueirão: projeções cartográficas

Professora Estuário: coordenadas geográficas

Neste momento surgiram duas perguntas:

- todos vocês utilizam o livro didático?

Professor Boqueirão: Sim

Professor Gonzaga: Sim

Professor Encruzilhada: Não

Professora Embaré: Sim

Professora Estuário: Sim

Professora Macuco: Sim

- o uso do livro didático é imposto?

Professor Boqueirão: Não

Professor Gonzaga: Não

Professor Encruzilhada: Não

Professora Embaré: Não

Professora Estuário: Não

Professora Macuco: Não

13. Quais são os recursos necessários para trabalhar região em sala de aula?

Professora Pompéia: A leitura mais que tudo, é esse entendimento de mundo, parece que o aluno vem de outro bairro e não sabe o que é litoral, não sabe o que é oceano, eu acho que a gente precisa de uma leitura básica, a escola tem que ser tradicional na leitura, o aluno leu e escreveu a gente vai colocando o assunto.

Professora Embaré: eu penso que tem que ter um Atlas, mais saída de campo, eles perceberem onde eles moram. Eu acho que se tivesse a saída

de campo e uns mapas para eles verem o espaço que moram. O raciocínio cartográfico para eles é muito abstrato. Penso que se usássemos a lousa digital mostrando o espaço através de imagens e depois saíssemos para uma visita de campo eles reconhecem na saída de campo o que viram na sala ficaria tudo mais amarrado. O livro didático não oferece esses mapas que precisamos pois eles não falam de região.

Professor Encruzilhada: eu penso muito na questão dos mapas, aquela cartilha azul que tem nas escolas, da professora Ana Maria Frigério, tinha que ter um para cada um para eles pintarem os mapas. No livro didático do sexto ano os mapas vêm com as siglas e o aluno não sabe o que significa TO ou RN.

Professora Macuco: exercícios de mapa eles precisam aprender com o concreto

Professora Estuário: a lousa digital com internet para que você coloque a imagem que quiser de imediato, porque enquanto estamos falando ficamos no abstrato e este recurso possibilita concretizar o falado. Os livros didáticos não disponibilizam os mapas que preciso, e o livro também não é atrativo.

Professor Gonzaga: trabalhar nesta sociedade informatizada com mapas de papel é muito chato. Para pintar eles curtem, qualquer desenho um vulcão ou um mapa eles pintam legal. Agora você ensinar territorialidade ou região com mapas de papel é um tédio. Mas se tivéssemos tecnologia na sala de aula mesmo para ver um mapa, dar um zoom, se você pudesse ver a própria escola de cima, dar um zoom, agora vamos para uma escala maior, trabalhar as perspectivas do ponto da escola que é o comum para todos. Se pudéssemos pegar pontos referenciais de uma cidade e a gente pudesse caminhar no mapa de maneira virtual você mostraria a distância destes pontos até a escola. Observar os morros a ocupação clandestina, a área verde, enfim. Faltam os mapas temáticos, eles são muito mais ilustrativos.

Professor Boqueirão: os livros têm mapas de região, porém são simples, tradicionais e eles têm contato com eles desde o ensino fundamental 1 porque eles já apareciam nos livros. Percebemos que temos carência do material local, do material do entorno. Não temos mapas temáticos.

14. Qual ou quais metodologias você utiliza para uma aula sobre região? Explique.

Professora Pompéia: Trabalho com textos didáticos ou não didático, mapas. Livro didático da coleção Espaço e Vivência de Levon Boligian. Eu tenho dificuldade que o aluno entenda região, que ele entenda onde ele está, o que é cidade de Santos, o que é a Baixada Santista, o que o é o estado de São Paulo, o que cada um destes faz, eles não tem a noção de escala e quem manda em quem, qual é o poder do presidente, do vereador, eles não tem esta noção territorial mesmo. Penso que o erro está no fundamental 1 que antes se desenhava o mapa da sala. Eu ainda faço isso desenho o mapa da sala em escala, passeio pela escola, mas você não consegue mais. Eu vou aposentar e não consegui passar isso para o aluno.

Professor Gonzaga: utilizo muitos desenhos e alguns gráficos para representar na lousa. E assim você pode fazer de modo dedutivo ou indutivo a explicação de aula sobre regiões. Neste caso desenho seria um procedimento e não uma metodologia. Mas se formos considerar metodologia eu gosto muito que é geossistemas do Figueredo Monteiro porque ele dá uma versatilidade para você estudar a metodologia é muito complexa a dele, ele utiliza figuras pictóricas, desenhos, blocos, diagramas, dá para você fazer diversas coisas a partir da metodologia de geossistemas se você aplica-la na educação é possível mas para mim fica mais fácil porque eu sei desenhar na lousa mas e para quem não sabe é impossível utilizar esta metodologia como referência mas é possível fazer este link de escalas sobre regiões por meio dos desenhos.

Professor Boqueirão: eu utilizo análise dos critérios do que estão estudando, então eu coloco na lousa a palavra chave e a partir daí eu começo a colocar isso em questão e trago para a realidade do aluno, falo sobre o dia a dia dele, tento fazer com que ele entenda o que é um critério, esta é uma grande questão, como vou analisar critério de regionalização se ele não sabe nem o que é um critério, você tem critério, critério do que, quando você escolhe uma roupa ou que comer que critério você usa, então a partir desta ideia de análise do critério de regionalização então a metodologia que eu uso é análise.

Professor Encruzilhada: Eu usei este ano com os oitavos, até por conta do Jovem Doutor, o mapa mental. Gostei bastante até porque eu tenho

alunos do Jovem Doutor no oitavo ano, então eu aproveitei o gancho e usei o mapa mental para discutir América, não região da Baixada Santista.

Professora Embaré: eu uso o visual primeiro, mostro na estudioteca ou senão eu mostro no meu celular mesmo, eu uso mapa mental com todos, para ver se eles começam encadear as ideias, explico o que é região, e pergunto o que é região, eles respondem a padaria, a rua, depois que fazemos isso eu tenho feito muitos jogos com eles e eles criam jogos. Penso que com os jogos eles aprendem bastante, eles já fizeram dominó, jogo da memória, trilha, vários de tabuleiro e eu gostei bastante do resultado. Fizemos tudo com material reaproveitado, eles criaram as perguntas, criaram as regras.

Professora Estuário: utilizo aula invertida que não funciona cem por cento assim né, mas com alguns alunos dá certo. Então seja região ou tema que você for trabalhar eu sempre peço para eles pesquisarem antes, darem uma olhada, eu tenho uma aluna que faz isso, ela assiste vídeo, faz pesquisa prévia da aula que ainda será dada. Então a aula invertida é uma metodologia que gosto de utilizar.

Surge mais uma pergunta aleatória ao questionário:

- vocês acham que esta categoria região é difícil para trabalhar?

Professor Boqueirão: Não

Professor Gonzaga: Não

Professor Encruzilhada: muitas vezes depende de onde eu quero chegar, eu tenho quatro nonos anos e sei que cada sala tem sua particularidade. Tem sala que responde o básico e pronto. Agora tem sala que eu posso explorar. Eu falo para eles assim alguns conceitos de geografia ou você sabe ou você sabe. Porque é muito difícil região. O que é o lugar, o que é o local, a região você tem que saber pois são diversas, tem a região norte, a região da banana, a região do cacau, a região da invasão, então eu digo quando você vai ler um texto de geografia a questão de região você tem que saber, tem que conhecer, porque senão você não entende o texto. Eu acho que é difícil neste sentido de região e territorialidade. Por conta da identidade. Para meu aluno fica fácil quando falo da região da bacia ou da região do mercado eles entendem, mas se eu falar onde é a região da banana eles não vão saber e está aqui no Vale do Ribeira, encostado. Não é a vivência dele, tudo depende de onde você quer chegar.

Professora Embaré: eu penso que é difícil porque se eu coloco o conceito na lousa não vai adiantar, eu tenho que aprender a ensinar a região. Eu vejo muita aula partindo só do conceito agora se eu partir do conhecimento do aluno, o que ele entende por região, o que ele vê ao redor, do conhecimento dele, eu talvez não vá aprofundar. Eu percebo também que em cada escola o público é diferente e isso interfere na formação do conceito de região.

Professora Estuário: Não

Professora Macuco: Não

15. No seu ponto de vista, o conhecimento dos alunos sobre a região metropolitana da Baixada Santista é satisfatório? Explique

Professora Pompéia: Eu trabalho em escolas muito próximas ao porto e muitas vezes eles não têm noção nem que a cidade de Santos foi tão importante para a história, sempre falo isso para eles olha a história do Brasil Santos está presente. E eles não tem noção da questão do dinheiro que circula ou que está circulando aqui. Estávamos discutindo estes acidentes que aconteceram em Brumadinho e um aluno disse que eles tinham que cobrar uma multa grande de cinco mil reais e tive que falar para ele que isso é pouco para estes empresários a multa é em bilhões de dólares. Este porto aqui gera bilhões de dólares, a Ultracargo que teve aquele acidente com os tanques aquilo gerou um impacto no porto de milhões de dólares, uma multa do porto é em milhão por dia. Eles não têm a noção da riqueza e da importância deste porto. Eles não entendem muito região metropolitana da Baixada, eles pensam que são do Guarujá ou da bacia do Macuco, e eles não sentem dentro da cidade. Pergunto: Praia Grande você já foi, vocês costumam ir para outras praias, outras cidades. Eles não entendem está conurbação que os municípios estão interligados.

Professor Gonzaga: de ouvir falar no telejornal da TV Tribuna quando eles se manifestam, eles não sabem quais são as cidades, mas já ouviu falar de região metropolitana da Baixada Santista. Eles não têm ideia da distribuição e nem das cidades que fazem parte.

Professor Estuário: quando levei o jornal para trabalhar comprei A Folha de São Paulo, o Jornal Atribuna e o Boque News, jornal do Boqueirão, e expliquei para eles este jornal é nacional, este é regional e este é só do bairro de um pedacinho da cidade. Mesma coisa da televisão, pedi para eles assistirem

o Jornal da Tribuna, depois vão ver o jornal Nacional, eles até conhecem o termo a Baixada Santista, mas não sabem que é uma região.

Professora Embaré: Baixada Santista eles não sabem por que é baixada.

Professor Boqueirão: muito menos que da metade dos alunos que eu tenho sabem o que é região Metropolitana da Baixada Santista. Até porque eles ouvem falar no telejornal, mas não tem noção dos municípios que compõem e nem sabem o porquê esta região se compõe.

16. Como você trabalha o Porto de Santos? Explique.

Professora Pompéia: Eu trabalho no sexto ano, falo só da importância, mas estou retomando isso agora com o Ensino Médio. Eu aprendi a dar aula aqui em Santos e a gente foi no passeio de escuna pelo porto de Santos, e um aluno meu disse que viajou pelo mundo sem sair daqui. Eu acho que o trabalho de campo bem planejado é uma metodologia importante para ensinar isso. Quando trabalho o porto de Santos é só teoricamente mesmo, falo da importância.

Professor Encruzilhada: eu não sou de Santos, eu sou de São Paulo e fui criado em Guarulhos, e eu tenho dificuldade de entender o porto. Não entendo como funciona, mas sei a função do porto. Converso com os alunos vamos ver com quem nossa cidade dialoga, com quem ela conversa, levo mapa para eles entenderem que o porto de Santos conversa com o porto de Nagoya no Japão, ou seja, da escala regional para a escala global.

Professora Macuco: quando eu trabalho porto trabalho a questão de transporte também. Como é explorado o porto, a questão de transporte no Brasil, que poderia ser muito mais explorado o transporte hidroviário, porque ele não é utilizado. Por exemplo fazer comparação com o Japão. Aqui em Santos o que eu exploro muito com os alunos a gente tem a visão de que os navios que estão entrando são enormes e não são porque o calado aqui são doze metros. Maior navio são mais de vinte cinco metros de calado e este não pode vir aqui.

Professora Embaré: eu adoro falar sobre porto, mas é porque eu trabalhei vinte e um ano na área portuária então para mim é mais fácil. Eu falo para eles das categorias trabalhistas, quem trabalha a bordo, quem trabalha em terra, o que tem que estudar. Porque sempre tem pai estivador, pai doquista, a

questão do EPI, falo sobre a privatização do porto, uma roda de conversa. Depois converso se o porto de Santos está no lugar certo pois eu discordo da posição do porto por causa do impacto ambiental, temos muito para falar do porto. Tem o turismo as economias, os setores primário e secundário. Eles amam estudar o porto, adoram. Conto também que quando você entra no navio você está no país daquele navio, eles se apaixonam, quem manda no navio é o comandante. O porto tem uma infinidade de assuntos para explorar. E agora eu abordo também a questão da invasão do mar na Ponta da Praia, eles dragam a sedimentação e o mar invade. Eu trabalho econômica, social e ambientalmente o porto de Santos. Até do preconceito por conta da profissão estivador.

Professora Estuário: não trabalhei porto ainda, mas gostei das ideias.

Professor Boqueirão: trabalho a questão comercial, a balança comercial, a questão da importação e da exportação, das redes de transporte do Brasil que se adaptaram em função do porto, da transformação da paisagem e do comércio. Não trabalho muito o porto no nono ano e acho que eu deveria trabalhar mais isso.

Professor Gonzaga: eu trabalho essa questão da paisagem, do motivo do sítio urbano, o motivo econômico e estratégico na época da colonização brasileira. A questão dos blocos econômicos e comerciais. E também quando fala de regiões brasileiras dos produtos que chegam por meio de ferrovias, da soja pelo transporte rodoviário através dos caminhões.

A última pergunta aleatória:

- vocês acham que é válido para este núcleo de formação um material direcionado para discutir a questão regional usando o porto como referência?

Professora Estuário: Sim

Professor Encruzilhada: Demais

Professor Gonzaga: é uma referência, mas se tem que ser o carro chefe não tenho certeza. Tenho receio dos interesses políticos e a falta de preocupação ambiental.

Professora Macuco: sim

Professor Boqueirão: sim

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, _____, ____ anos, professor(a), residente à _____, em _____/SP, RG _____, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado **“A utilização do grupo focal como metodologia para investigar o ensino da categoria geográfica região.”** Para contribuir com que o aluno da rede municipal tenha um ensino de geografia de qualidade. A pesquisa será baseada na investigação da metodologia que os professores de utilizam para ensinar a categoria geográfica de região.

A minha participação no referido estudo será no sentido de avaliar por meio de um questionário elaborado e feito através de um grupo focal.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado(a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo. Foi-me esclarecido, igualmente, que eu posso optar por métodos alternativos, que são: responder o questionário no tempo que achar oportuno, respeitando o tempo sugerido pelos pesquisadores.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Tatiana Esteves Castro Guerra e Professora Doutora Renata Barrocas (orientador do projeto), ambos vinculados a Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) e com eles poderei manter contato pelos telefones (13) 988042055.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) (13) 3228-3400 (ou mandar um *email* para cpq@unimes.br)

Santos, 25 de outubro de 2019.

Professor (a) _____

Tatiana Esteves Castro Guerra

Professora Doutora Renata Barrocas

Anexo 2

Questionário para Grupo Focal

Professores de Geografia

1. Idade?
 2. Sexo?
 3. Ano de formação?
 4. Por que escolheu o magistério?
 5. Tempo de carreira no magistério?
 6. Trabalha com quais anos?
 7. Se sente motivado como professor? Por que?
 8. Encontra dificuldades para desenvolver o planejamento na sua escola?
 9. Recebe orientação pedagógica relativa ao planejamento?
 10. Você utiliza quais recursos para suas aulas?
 11. A sua escola oferece esses recursos ou você que os disponibiliza?
 12. Qual assunto da geografia é mais difícil trabalhar? Por que?
 13. Qual é o conceito de região?
 14. Quais recursos são necessários para uma aula sobre região?
 15. Qual ou quais metodologias você utiliza para uma aula sobre região?
- Explique
16. No seu ponto de vista, o conhecimento dos alunos sobre a região metropolitana da Baixada Santista é satisfatório? Explique
 17. Como você trabalha o Porto de Santos? Explique.
 18. Quais tipos de cursos você faz?
 19. A rede na qual trabalha oferece cursos? Quais? Por que?
 20. Já utilizou mapa da região?
 21. Utiliza cartografia escolar?

Anexo 3

**Planejamento da Rede Municipal de Santos da Disciplina de Geografia
para o Ensino Fundamental II**

GEOGRAFIA 6º ANO				
O ESTUDO DA GEOGRAFIA LOCAL				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Compreender fatos, fenômenos e processos relativos à constituição do espaço em diferentes escalas, na paisagem e na localidade. Identificar e observar elementos e aspectos da natureza, considerando clima, relevo, vegetação, hidrografia e fauna em diferentes espaços. Reconhecer as dinâmicas da natureza e da sociedade e seu papel na constituição do espaço geográfico. Identificar, observar e registrar a presença, distribuição e organização de elementos criados pelas sociedades em diferentes tempos e espaços. Identificar e analisar o papel dos diferentes atores sociais na produção do lugar, território, da paisagem e região. Localizar os diferentes climas da região. Compreender e utilizar elementos fundamentais das representações cartográficas (títulos, legendas, escalas, projeções cartográficas, coordenadas geográficas, fontes, etc.) para interpretar e representar a espacialidade dos fenômenos. Ler, interpretar e elaborar mapas, plantas, croquis e maquetes em diferentes escalas para compreender e analisar aspectos da constituição do espaço geográfico e suas dinâmicas naturais e sociais. 	Relevo e água na Baixada Santista.		X	
	Atmosfera e clima na Baixada Santista.		X	
	O Porto e os setores produtivos.			X
	Questões socioambientais nas escalas local e regional (lixo, poluição, desmatamento, enchentes).			X

GEOGRAFIA 6º ANO				
AS PAISAGENS RURAIS E URBANAS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Classificar e ordenar problemas socioambientais em um dado lugar, identificando possíveis ações de preservação. Ler e classificar as informações de representações cartográficas simples, tais como mapas políticos e globo terrestre. Reconhecer a diferença entre mapas de base e mapas temáticos. Ler e produzir textos orais e escritos em diferentes gêneros para compreender e analisar fatos, fenômenos e processos geográficos. Estabelecer relações espaço-temporais para compreender a construção histórica do espaço geográfico. Avaliar hábitos e comportamentos veiculados em diferentes meios de comunicação, considerando a propagação de hábitos de consumo que induzam a sistemas produtivos predatórios do ambiente e da sociedade. Comparar indicadores sociais e econômicos de estados e regiões brasileiras e de diferentes países e regiões do planeta. Identificar ações de proteção e preservação do ambiente em diferentes escalas. Identificar alterações no mundo do trabalho, nos processos econômicos e sistemas produtivos a partir do advento de novas tecnologias. Identificar, classificar e comparar aspectos dos processos de urbanização e do modo de vida no campo e na cidade, em diferentes tempos e espaços. 	Definição de geografia: seus usos e possibilidades de estudo.	X		
	Leitura da paisagem e o espaço geográfico: definições e transformações.	X		
	A origem do Universo: big bang, galáxias, o sistema solar e a formação da Terra.	X		
	Representação cartográfica em suas diferentes formas.	X		
	Movimentos da Terra: rotação e translação e suas aplicações cotidianas.	X		
	Rosa dos ventos: pontos cardeais, colaterais e <u>subcolaterais</u> .		X	

GEOGRAFIA 6º ANO					
AS PAISAGENS RURAIS E URBANAS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES					
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES			
		1º	2º	3º	
<ul style="list-style-type: none"> Identificar natureza, intensidade e direção de fluxos materiais e imateriais, bem como seu papel na constituição do espaço geográfico em diferentes escalas. Identificar, classificar e ordenar os diferentes tipos e redes de transporte, comunicação e informação em diferentes escalas por meio de gráficos, mapas e tabelas. Inferir títulos para diferentes plantas e mapas. Utilizar pontos cardeais e <u>colaterais para</u> orientação e localização em mapas e plantas. Conhecer dinâmicas da circulação atmosférica e o ciclo da água por meio de textos, mapas e esquemas. Localizar e observar a extensão de rios, lagos, mares, oceanos e bacias hidrográficas. Localizar a distribuição, a disponibilidade natural de água no mundo, as desigualdades em seus usos e sua apropriação social. Localizar pontos na superfície terrestre, segundo o sistema de coordenadas geográficas. Ler mapas para conhecer as diferenças e semelhanças quanto a níveis de altitude e formas de relevo. Conhecer distribuição, usos, riscos ambientais e conservação de coberturas vegetais e espécies animais de <u>diferentes biomas</u> por meio de mapas temáticos do Brasil e do mundo. Elaborar listas de práticas e técnicas sustentáveis de uso dos recursos naturais no campo e na cidade. Reconhecer as transformações realizadas pela ação humana no espaço geográfico, a degradação ambiental, a escassez da água, o aquecimento global, etc. Reconhecer e aplicar o conceito de cadeia produtiva. Analisar as etapas constituintes de diferentes cadeias produtivas. 	Coordenadas geográficas e fusos horários.		X		
	Natureza, sociedade e paisagens terrestres: esferas da vida (litosfera, biosfera, hidrosfera e atmosfera), sua inter-relação e problemas ambientais X desenvolvimento sustentável.		X	X	
	Geografia física: relevo, água, atmosfera e clima.		X		
	A vida no planeta Terra: vegetação, bioma e problemas ambientais.				X
	As atividades econômicas, o espaço geográfico e as relações <u>socioeconômicas</u> .				X
	Fontes de energia e atividades econômicas.				X
	Os setores da economia e as cadeias produtivas.				X

GEOGRAFIA 7º ANO				
O ESTUDO DA GEOGRAFIA LOCAL				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Compreender fatos, fenômenos e processos relativos à constituição do espaço em diferentes escalas, na paisagem e na localidade. Reconhecer as dinâmicas da natureza e da sociedade e seu papel na constituição do espaço geográfico. Identificar, observar e registrar a presença, distribuição e organização de elementos criados pelas sociedades em diferentes tempos e espaços. Identificar e analisar o papel dos diferentes atores sociais na produção do lugar, do território, da paisagem e da região. Compreender e utilizar elementos fundamentais das representações cartográficas (título, legenda, escalas, projeções, cartográficas, coordenadas geográficas, fontes, entre outras) para interpretar e representar a espacialidade dos fenômenos. Ler, interpretar e elaborar mapas, plantas, croquis e maquetes em diferentes escalas para compreender e analisar aspectos da constituição do espaço geográfico e suas dinâmicas naturais e sociais. Reconhecer, no mapa, a localização da Baixada Santista no estado de São Paulo. Reconhecer mapas da Baixada Santista, seus municípios e respectivas localizações. Reconhecer expressões da formação econômico-social capitalista no Brasil contemporâneo, por meio de diferentes textos e mapas. 	As regiões administrativas do estado de São Paulo.	X		
	A região metropolitana da Baixada Santista.	X		
	População da Baixada Santista hoje: cor, gênero e idade.			X
	Fluxos migratórios e trabalho na Baixada Santista.			X

GEOGRAFIA 7º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Identificar e observar elementos e aspectos da natureza, considerando clima, relevo, vegetação, hidrografia e fauna em diferentes espaços. Compreender e utilizar elementos fundamentais das representações cartográficas (título, legenda, escalas, projeções, cartográficas, coordenadas geográficas, fontes, etc.) para interpretar e representar a espacialidade dos fenômenos. Ler, interpretar e elaborar mapas, plantas, croquis e maquetes em diferentes escalas para compreender e analisar aspectos da constituição do espaço geográfico e suas dinâmicas naturais e sociais. Classificar e ordenar problemas socioambientais em um dado lugar, identificando possíveis ações de preservação. Reconhecer os processos simples de urbanização do espaço. Ler e classificar informações de representações cartográficas simples, tais como mapas políticos e globo terrestre. Reconhecer a diferença entre mapas de base e mapas temáticos. Identificar as diferentes contribuições culturais na formação da população brasileira, destacando traços culturais e sociais. Ler e produzir textos orais e escritos em diferentes gêneros para compreender e analisar fatos, fenômenos e processos geográficos. Estabelecer relações espaço-temporais para compreender a construção histórica do espaço geográfico. 	O "Brasil" antes do Brasil: sociedade e espaço dos indígenas	X		
	Brasil: economia, sociedade e território durante o período colonial. Matrizes étnico-culturais na formação sociocultural do espaço brasileiro.	X		
	O espaço geográfico brasileiro no século XX: a industrialização e sua dinâmica.	X		
	Paisagens do Brasil: espaço rural e urbano.	X		
	A regionalização do território brasileiro: limites, fronteiras e a organização político-administrativa.	X		X

GEOGRAFIA 7º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Identificar as principais influências socioculturais, resultantes das etnias que compõem a matriz étnica brasileira para compreender o processo de formação da sociedade nacional e as diferentes formas de ocupação do território. Comparar indicadores sociais e econômicos de estados e regiões brasileiras e de diferentes países e regiões do planeta a partir de dados expressos em tabelas, gráficos e esquemas. Identificar ações de proteção e preservação do ambiente em diferentes escalas. Identificar alterações no mundo do trabalho, nos processos econômicos e sistemas produtivos a partir do advento de novas tecnologias. Identificar, classificar e comparar aspectos dos processos de urbanização e do modo de vida no campo e na cidade, em diferentes tempos e espaços. Identificar a natureza, intensidade e direções de fluxos <u>materiais e imateriais</u> e seu papel na constituição do espaço geográfico em diferentes escalas. Classificar e ordenar os diferentes tipos e <u>redes de</u> transporte, comunicação e informação em diferentes escalas por meio de gráficos, mapas e tabelas. Inferir títulos para diferentes plantas e mapas. Utilizar pontos cardeais e <u>colaterais para</u> orientação e localização em mapas e plantas. Conhecer dinâmicas da circulação atmosférica e o ciclo da água por meio de textos, mapas e esquemas. Localizar e observar a extensão de rios, lagos, mares, oceanos e de bacias hidrográficas. 	Regionalização do Brasil e os complexos regionais: <u>Sudeste</u> , Nordeste, Sul, <u>Centro-Oeste</u> e Norte.		X	X
	Domínios naturais do Brasil de acordo com sua regionalização: as esferas da vida (litosfera, biosfera, hidrosfera e atmosfera), sua inter-relação e os problemas ambientais.		X	
	Geografia física: relevo, água, atmosfera e clima.		X	
	A vida no planeta terra: vegetação, bioma e problemas ambientais.		X	
	Um Brasil de muitas cores, tons e sotaques: população.			X
	A população brasileira no século XIX.			X

GEOGRAFIA 7º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Localizar a distribuição e a disponibilidade natural de água no mundo, as desigualdades em seus usos e sua apropriação social. Localizar pontos na superfície terrestre, segundo o sistema de coordenadas geográficas. Ler mapas para conhecer as diferenças e semelhanças quanto a níveis de altitude e formas de relevo. Conhecer distribuição, usos, riscos ambientais e conservação de coberturas vegetais e espécies animais de <u>diferentes biomas</u> por meio de mapas temáticos do Brasil e do mundo. Elaborar listas de práticas e técnicas sustentáveis de uso dos recursos naturais no campo e na cidade. Reconhecer as transformações realizadas pela ação humana no espaço geográfico e a degradação ambiental, escassez da água, aquecimento global, etc. Reconhecer e aplicar o conceito de cadeia produtiva. Analisar as etapas constituintes de diferentes cadeias produtivas. 	Muitas línguas: imigrantes europeus e asiáticos no Brasil.			X
	Os fluxos migratórios no Brasil do século XX.			X
	População brasileira hoje: cor, gênero e idade.			X
	População e desigualdades sociais e regionais.			X

GEOGRAFIA 8º ANO				
O ESTUDO DA GEOGRAFIA LOCAL				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Compreender fatos, fenômenos e processos relativos à constituição do espaço, em diferentes escalas, na paisagem e na localidade. Reconhecer as dinâmicas da natureza e da sociedade e seu papel na constituição do espaço geográfico. Identificar, observar e registrar a presença, distribuição e organização de elementos criados pelas sociedades em diferentes tempos e espaços. Identificar e analisar o papel dos diferentes atores sociais na produção do lugar, do território, da paisagem e da região. Compreender e utilizar elementos fundamentais das representações cartográficas (título, legenda, escalas, projeções, cartográficas, coordenadas geográficas, fontes, etc) para interpretar e representar a espacialidade dos fenômenos. Ler, interpretar e elaborar mapas, plantas, croquis e maquetes em diferentes escalas para compreender e analisar aspectos da constituição do espaço geográfico e suas dinâmicas naturais e sociais. Reconhecer, no mapa, a localização da Baixada Santista no estado de São Paulo. Reconhecer mapas da Baixada Santista, seus municípios e respectivas localizações. Reconhecer expressões da formação econômico-social capitalista no Brasil contemporâneo, por meio de diferentes textos e mapas. 	Os diferentes fluxos econômicos do estado de São Paulo e o papel da Baixada Santista.			X
	O papel do Porto de Santos para o Brasil.			X
	O Pré-sal e as mudanças na Baixada Santista: perspectivas futuras.			X

GEOGRAFIA 8º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e observar elementos e aspectos da natureza, considerando clima, relevo, vegetação, hidrografia e fauna em diferentes espaços. • Classificar e ordenar problemas socioambientais em um dado lugar e identificar possíveis ações de preservação. • Reconhecer os processos simples de urbanização do espaço. • Ler e classificar informações de representações cartográficas simples, tais como mapas políticos e globo terrestre. • Reconhecer a diferença entre mapas de base e mapas temáticos. • Ler e produzir textos orais e escritos em diferentes gêneros para compreender e analisar fatos, fenômenos e processos geográficos. • Estabelecer relações espaço-temporais para compreender a construção histórica do espaço geográfico. • Avaliar hábitos e comportamentos veiculados em diferentes meios de comunicação, considerando a propagação de hábitos de consumo que induzam a sistemas produtivos predatórios do ambiente e da sociedade. • Comparar indicadores sociais e econômicos de estados e regiões brasileiras, e de diferentes países e regiões do planeta, a partir de dados expressos em tabelas, gráficos e esquemas. • Identificar ações de proteção e preservação do ambiente em diferentes escalas. • Identificar alterações no mundo do trabalho, nos processos econômicos e nos sistemas produtivos a partir do advento de novas tecnologias. • Identificar, classificar e comparar aspectos dos processos de urbanização e do modo de vida no campo e na cidade, em diferentes tempos e espaços. • Identificar a natureza, intensidade e direção de fluxos materiais e imateriais e seu papel na constituição do espaço geográfico em diferentes escalas. • Identificar, classificar e ordenar os diferentes tipos e redes de transporte, comunicação e informação em diferentes escalas, por meio de gráficos, mapas e tabelas. 	A produção do espaço geográfico global.	X		
	Regionalização do espaço mundial segundo critérios físicos, sociais, culturais e econômicos.	X		
	Compreender processos histórico-geográficos de desenvolvimento e de transformações no Capitalismo e Socialismo.	X		

GEOGRAFIA 8º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> • Inferir títulos para diferentes plantas e mapas. • Localizar a distribuição e a disponibilidade natural de água no mundo, as desigualdades em seus usos e sua apropriação social. • Ler mapas para conhecer diferenças e semelhanças quanto a níveis de altitude e formas de relevo. • Conhecer a distribuição, os usos, os riscos ambientais e a conservação de coberturas vegetais e espécies animais de diferentes biomas por meio de mapas temáticos do Brasil e do mundo. • Reconhecer as transformações realizadas pela ação humana no espaço geográfico e a degradação ambiental, escassez da água, aquecimento global, etc. • Compreender processos histórico-geográficos sobre o desenvolvimento do Capitalismo mundial por meio de textos e iconografias diversas. • Analisar indicadores sociais e econômicos do mundo atual por meio de informações graficamente representadas. • Reconhecer e compreender os setores de atividade econômica e sua expressão no cenário internacional. • Estabelecer relações entre fome, desigualdades sociais e produção mundial de alimentos. • Compreender e diferenciar os conceitos de técnica e tecnologia. • Compreender a diversidade étnica como base da riqueza cultural da humanidade. • Reconhecer a diversidade linguística, religiosa e étnico-cultural em diferentes regiões do planeta por meio de mapas em diferentes escalas. • Compreender a dinâmica demográfica mundial e contemporânea, examinando mapas de fluxos e movimentos, reconhecendo as principais áreas emissoras e receptoras de grupos populacionais e as repercussões dos deslocamentos. • Confrontar dados e concepções a respeito do aquecimento global e das mudanças climáticas. 	Constituição de um mundo de Estados Nacionais.	X	X	
	Desenvolvimento desigual: indicadores econômicos dos países do norte e do sul e suas disparidades.	X	X	
	Globalização e regionalização: geopolítica e conflitos mundiais.			X

GEOGRAFIA 8º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Avaliar os Índices de Desenvolvimento Humano dos países do Norte e do Sul, percebendo a disparidade entre eles, fatos, fenômenos e processos relativos à constituição do espaço em diferentes escalas. Identificar e observar elementos e aspectos da natureza, considerando clima, relevo, vegetação, hidrografia e fauna, em diferentes espaços. Identificar, observar e registrar a presença, distribuição e organização de elementos criados pelas sociedades em diferentes tempos e espaços. Identificar e analisar o papel dos diferentes atores sociais na produção do lugar, do território, da paisagem e da região. Compreender e utilizar elementos fundamentais das representações cartográficas (títulos, legendas, escalas, projeções, cartográficas, coordenadas geográficas, fontes, etc.) para interpretar e representar a espacialidade dos fenômenos. Ler, interpretar e elaborar mapas, plantas, croquis e maquetes em diferentes escalas para compreender e analisar aspectos da constituição do espaço geográfico e suas dinâmicas naturais e sociais. Classificar e ordenar problemas socioambientais em um dado lugar e identificar possíveis ações de preservação. Reconhecer os processos simples de urbanização do espaço. Ler e classificar informações de representações cartográficas simples, tais como mapas políticos e globo terrestre. Reconhecer a diferença entre mapas de base e mapas temáticos. Avaliar hábitos e comportamentos veiculados em diferentes meios de comunicação, considerando a propagação de hábitos de consumo que induzam a sistemas produtivos predatórios do ambiente e da sociedade. 	Os blocos econômicos supranacionais.		X	
	Organismos multilaterais: ONU e OMC.		X	
	Outras formas de organização internacional: Fórum Social Mundial.	X		
	Geografia das populações: os continentes.			X

GEOGRAFIA 8º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Identificar ações de proteção e preservação do ambiente em diferentes escalas. Identificar alterações no mundo do trabalho, nos processos econômicos e sistemas produtivos, a partir do advento de novas tecnologias. Identificar, classificar e comparar aspectos dos processos de urbanização e do modo de vida no campo e na cidade, em diferentes tempos e espaços. Identificar a natureza, intensidade e direção de fluxos materiais e imateriais e seu papel na constituição do espaço geográfico, em diferentes escalas. Identificar, classificar e ordenar, por meio de gráficos, mapas e tabelas, os diferentes tipos e redes de transporte, comunicação e informação em diferentes escalas. Inferir títulos para diferentes plantas e mapas. Localizar e observar a extensão de rios, lagos, mares, oceanos e de bacias hidrográficas. Ler mapas para conhecer diferenças e semelhanças quanto a níveis de altitude e formas de relevo. 	América Latina: globalização – dependência econômica X produção tecnológica.			X
	Os Estados Unidos e o seu papel mundial.			X

GEOGRAFIA 8º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Conhecer a distribuição, os usos, riscos ambientais e a conservação de coberturas vegetais e espécies animais de diferentes biomas por meio de mapas temáticos do Brasil e do mundo. Reconhecer as transformações realizadas pela ação humana no espaço geográfico e a degradação ambiental, a escassez da água, o aquecimento global, etc. Compreender processos histórico-geográficos sobre o desenvolvimento do capitalismo mundial por meio de textos e iconografias diversas. Analisar indicadores sociais e econômicos do mundo atual por meio de informações graficamente representadas. Reconhecer e compreender os setores da atividade econômica e sua expressão no cenário internacional. Estabelecer relações entre fome, desigualdades sociais e produção mundial de alimentos. Compreender e diferenciar os conceitos de técnica e tecnologia. Compreender a diversidade étnica como base da riqueza cultural da humanidade. Reconhecer a diversidade linguística, religiosa e étnico-cultural em diferentes regiões do planeta, por meio de mapas em diferentes escalas. Compreender a dinâmica demográfica mundial e contemporânea, examinando mapas de fluxos e movimentos. 	Canadá: origens da integração com a economia dos Estados Unidos.			X
	Globalização: fluxos de comércio e NAFTA, MERCOSUL, ALBA.			X
	Questões socioambientais no mundo contemporâneo.		X	
	Oceania e terras polares: ambiente natural, povoamento e papel no mundo atual.		X	

GEOGRAFIA 9º ANO				
O ESTUDO DA GEOGRAFIA LOCAL				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Compreender fatos, fenômenos e processos relativos à constituição do espaço em diferentes escalas, na paisagem e na localidade. Reconhecer as dinâmicas da natureza e da sociedade e seu papel na constituição do espaço geográfico. Identificar, observar e registrar a presença, distribuição e organização de elementos criados pelas sociedades em diferentes tempos e espaços. Identificar e analisar o papel dos diferentes atores sociais na produção do lugar, do território, da paisagem e região. Compreender e utilizar elementos fundamentais das representações cartográficas (título, legenda, escalas, projeções, cartográficas, coordenadas geográficas, fontes etc.) para interpretar e representar a espacialidade dos fenômenos. Ler, interpretar e elaborar mapas, plantas, croquis e maquetes em diferentes escalas para compreender e analisar aspectos da constituição do espaço geográfico e suas dinâmicas naturais e sociais. Reconhecer, no mapa, a localização da Baixada Santista no estado de São Paulo. Reconhecer mapas da Baixada Santista, seus municípios e respectivas localizações. Reconhecer expressões da formação econômico-social capitalista no Brasil contemporâneo, por meio de diferentes textos e mapas. 	Migrações internas na Baixada Santista: o impacto do "boom" imobiliário.	X		
	Baixada Santista: globalização no espaço local, novas tecnologias e transformações no mundo do trabalho.	X		
	<u>Baixada Santista</u> e redes: sistema de transporte, comunicação e informação.	X		
	<u>Baixada Santista</u> e estâncias balneárias: turismo.	X		

GEOGRAFIA 9º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Classificar e ordenar problemas socioambientais em um dado lugar e identificar possíveis ações de preservação. Reconhecer os processos simples de urbanização do espaço. Ler e classificar informações de representações cartográficas simples, tais como mapas políticos e globo terrestre. Reconhecer a diferença entre mapas de base e mapas temáticos. Ler e produzir textos orais e escritos em diferentes gêneros para compreender e analisar fatos, fenômenos e processos geográficos. Estabelecer relações espaço-temporais para compreender a construção histórica do espaço geográfico. Avaliar hábitos e comportamentos veiculados em diferentes meios de comunicação, considerando a propagação de hábitos de consumo que induzam a sistemas produtivos predatórios do ambiente e da sociedade. Comparar indicadores sociais e econômicos de estados e regiões brasileiras, e de diferentes países e regiões do planeta, a partir de dados expressos em tabelas, gráficos e esquemas. Identificar ações de proteção e preservação do ambiente em diferentes escalas. Identificar alterações no mundo do trabalho, nos processos econômicos e nos sistemas produtivos a partir do advento das novas tecnologias. Identificar, classificar e comparar aspectos dos processos de urbanização e do modo de vida no campo e na cidade, em diferentes tempos e espaços. Identificar natureza, intensidade e direções de fluxos materiais e imateriais e seu papel na constituição do espaço geográfico em diferentes escalas. 	Produção e espaços da globalização: empresas transnacionais, sistema financeiro internacional e cidades globais.	X		
	Globalização, novas tecnologias e transformações no mundo do trabalho e da produção: os espaços dos fluxos.	X		
	Redes: sistema de transporte, comunicação, informação, energia e turismo.	X		
	A Europa Ocidental: aspectos <u>sociogeográficos</u> .	X		
	A União Europeia: seu papel no mundo.	X		

GEOGRAFIA 9º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Identificar, classificar e ordenar os diferentes tipos e redes de transporte, comunicação e informação em diferentes escalas, por meio de gráficos, mapas e tabelas. Inferir títulos para diferentes plantas e mapas. Localizar e observar a extensão de rios, lagos, mares, oceanos e de bacias hidrográficas. Localizar a distribuição e a disponibilidade natural de água no mundo e desigualdades em seus usos e apropriação social. Ler mapas para conhecer as diferenças e semelhanças quanto a níveis de altitude e formas de relevo. Conhecer a distribuição, os usos, os riscos ambientais e a conservação de coberturas vegetais e espécies animais de diferentes biomas por meio de mapas temáticos do Brasil e do mundo. Reconhecer as transformações realizadas pela ação humana no espaço geográfico e a degradação ambiental, escassez da água, aquecimento global, etc. Compreender processos histórico-geográficos sobre o desenvolvimento do Capitalismo mundial, por meio de textos e iconografias diversas. Analisar indicadores sociais e econômicos do mundo atual, por meio de informações graficamente representadas. Reconhecer e compreender os setores de atividade econômica e sua expressão no cenário internacional. Estabelecer relações entre fome, desigualdades sociais e produção mundial de alimentos. Compreender e diferenciar os conceitos de técnica e tecnologia. Compreender a diversidade étnica como base da riqueza cultural da humanidade. Reconhecer a diversidade linguística, religiosa e étnico-cultural nas diferentes regiões do planeta, por meio de mapas em diferentes escalas. 	A Europa Oriental e o passado socialista.		X	
	Fim da URSS: a Comunidade de Estados Independentes (CEI).		X	
	O espaço geográfico da Ásia: natureza, território e sociedade.		X	
	Os Tigres Asiáticos.		X	
	Japão e China: potências no século XX.		X	
	O espaço geográfico da África: natureza, território e sociedade.			X

GEOGRAFIA 9º ANO				
AS PAISAGENS URBANAS E RURAIS: SUAS CARACTERÍSTICAS E TRANSFORMAÇÕES				
HABILIDADES	CONTEÚDOS	TRIMESTRES		
		1º	2º	3º
<ul style="list-style-type: none"> Compreender a dinâmica demográfica mundial e contemporânea, examinando mapas de fluxos e movimentos, reconhecendo as principais áreas emissoras e receptoras de grupos populacionais e as repercussões dos deslocamentos. Confrontar dados e concepções a respeito do aquecimento global e das mudanças climáticas. Avaliar os Índices de Desenvolvimento Humano dos países do Norte e do Sul, percebendo as disparidades entre eles. Reconhecer intensidades e direções dos fluxos turísticos no Brasil e no mundo e as características das áreas emissoras e receptoras, por meio de mapas, textos e iconografias diversas. Conhecer, analisar e avaliar o papel das tecnologias de extração, transporte, distribuição e consumo de recursos energéticos e seu papel nas relações em escala global e regional. Compreender concepções de redes geográficas como expressão do espaço geográfico. 	África antes e depois da conquista europeia: novas perspectivas para o continente.			X
	Tensão socioeconômica socioreligiosa : Oriente Médio.			X
	BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, Sul da África): gigantes do século XXI?			X
	Os desafios para um meio ambiente melhor: sociedade de consumo.	X	X	X